



# **Noites Esquizofrênicas**

Poemas Esdrúxulos, Textos Subversivos, Confissões Esquizofrênicas e  
Homenagens

Gabriel M. F. Gubert



## **Cobain!**

Oh, Cobain, estive sob influência hoje e só pensei nas mechas do seu cabelo amarelo balançando no seu rosto enquanto eu te sugava até secar

Oh, Cobain, seu pênis longo, rosado e ereto tocando suavemente minha garganta foi realmente algo pra se cantar

Sua voz rouca como frutas silvestres

Seu estômago colorido para eu caminhar ao lado

Oh, Cobain, Orfeu negro liga do meu telefone pra falar sobre seu turno ou qualquer outra coisa que me escapa enquanto ainda penso nos seus lábios,

Eles não sabiam que eu te mostrei o mundo technicolor que estava por vir, agora sabem

Oh, Cobain — ou é Nicki? Thomas? Donald? Justin? — Oh, Cobain, Cobain, nunca morto, nunca vivo

Destaque dos suicídios de toda uma geração e você não sabia que vinham até mim até que você veio até mim

E que noite foi aquela! No pretérito para eu não confundir sua presença fantasmagórica nos meus esforços diários de esquecer a sombra da sua constante ausência

Eles nunca te conheceram, eu nunca te conheci, embora eu fosse quem mais te conhecia

Amigo de amigos, claro, mas um filho da mãe bem bom nisso

Oh, Cobain! De drives quase legais, substâncias quase legais, foda quase legal

Me avisaram sobre você, Cobain, avisaram, a vida inteira, mas um cego só pode ver o que ouve ou toca e então eu te toquei e uau.

Cobain, você não me conhecia quando eu me sentei na frente do crush da escola ouvindo músicas tristes enquanto guardava seu segredo, um segredo que ele nem mesmo compartilhava mas eu sabia, claro que sabia Cobain, você não me conhecia quando um sujeito do sul, um viado de direita chique, tentou tirar minha virgindade mas falhou porque a colher e a faca foram despejadas e fugiram juntos

Você não me conhecia quando deixei um estranho me foder pela primeira vez, e o que eu era aos vinte e poucos, péssimo começo pro boêmio que eu tentaria me convencer que era — fim terrível pra essa anedota, aliás

Cobain, você não me conhecia quando me apaixonei no trabalho, lá embaixo, onde Jules e Jim me entediava a vida inteira mas eu ainda assistia pra impressionar minha futura maior decepção

Cobain, você não me conhecia quando lavei meu estômago pelo cu pra ficar limpo e fodível pro entusiasta de Cannes e mesmo assim ele falhou em cada tentativa por causa de benzos e vinho — bom estoque, porém, me fazia cantar

Cobain, e então, você me conheceu. Você me conheceu só de olhar, não foi? Eu jamais imaginaria que você tinha jeitos de fingir, quão crédulo eu fui

Você me conheceu cantando em espanhol palavras cujo significado eu não sabia mas, astutos como somos, sentíamos tão forte que ninguém poderia cantar melhor que nós — sim, música é minha religião

Você me conheceu com todos os estimulantes que os americanos aprendem a tomar, eles vêm com os empréstimos estudantis, ouvi dizer, e eu era o Sr. Downer, que dupla estranha, mas que delícia criamos

Cobain, você me conhecia gritando nas ruas que o microfone da Evita Perón realmente parecia um hambúrguer, e devia ser tipo 7 da manhã, e céus como faz tempo que não consigo ver o nascer do sol

Cobain, você me conhecia gastando meu dinheiro, quero dizer, não era meu dinheiro mas era meu maldito dinheiro, cara! — me devolve meu dinheiro

Cobain, você me conhecia à distância por três anos adoráveis sobre a espinha dorsal de uns estranhos 20 dias e isso foi o suficiente pra mim

Cobain, seu amigo morreu, depois seu pai morreu, e sua mãe vai morrer, e eu vou morrer, e aí Cobain?

Cobain, você precisa encontrar uma garota e se estabelecer Cobain, pare a guerra que eu te contei

Cobain eu te liberto, eu preciso disso, oh como eu preciso disso!

Cobain, juro que vou te esquecer, a seu tempo, estou tomando minha medicação e fumando como um dragão, mas os episódios cessaram

Cobain, você não me conhece mais, Cobain. Agora passo noites ou transando intelectualmente com o poeta rebelde ou deitado numa rede escrevendo coisas tipo Cobain!

Vou me entregar como sempre e, sim sim sim, vou tomar meus remédios e nada mais de erva, juro que nem gosto de álcool, não é irônico?

Cobain, eu tenho que ir. Tenho coisas no fogão e já te dei minha vida.

Cobain, de agora em diante ficamos longe, e nossos fios se desconectam

Como eu te citei, vou considerar Cobain apenas com o melhor de mim!

Cobain, apenas vai

Cobain, eu vou.

## **o banquinho - la fiesta**

o banquinho ainda estava lá, e eu conseguia vê-lo à distância. branco, com cinzeiros do lado onde o cara tatuado pensava na garota (e no garoto). seu pau? uma beringela, ele brincava. o banquinho estava lá e o gordinho se aproximou, ouvindo música. lembra quando você ouvia música ali? eu lembro quando eu ouvia música ali. provocando, só. me exibindo. pro que? pro nada, óbvio. me exibia às cores do sol e aos seus colegas, colegas bonitinhos, eu dizia. os nomes são os mesmos, e sempre foram, não é? bíblicos, cegos. exatamente o que eu gostava. você sentou com um livro no outro banco, não no nosso. eu trouxe o meu outro pra aquele banco, e não vou mentir, era pra lhe atingir. crianças, não é? éramos. e agora, somos o que? adultos? pff, faça-me rir. somos tolos, românticos. você é super sexual, eu sou virjão. o que é mais romântico? "eu quero fuder todo mundo" você gritava. "eu só quero ouvir música" eu dizia baixinho. qual música? tenho tantas. eram nossas, hoje não mais. enfim, o outro esteve ali e eu subi pra pegar um cafézinho pra ele - ele merecia, mais que você, tão blasé e certo de si mesmo.

eu não era, agora sou mas também não tenho nada - ou ninguém? eu tentei marcar com um hoje em dia, mas dei pra trás na última hora. "orgânico orgânico orgânico" eu fico repetindo a mim mesmo, tentando acreditar no poder. eu acredito? suponhamos que sim. vamos lá, orgânico! reaja, orgânico! fode todo mundo, orgânico! eu só queria descansar num chalézinho. o outro gostava de óculos, compramos dois e ele me comeu naquela noite, antes de você. aliás, você nunca me comeu, o amigo mendigo atrapalhou, lembra-se? claro que sim. idiota, tolo, superficial. foi marcado ou orgânico? tenho essa dúvida. espero que esteja bem. e seu namorado também. ou namorados. não sei, você é bem mais moderninho que eu, não é? sabes mais também? acho que não. eu lembro daquele dia que fizeram a festa com minha mente. lembro das músicas, das sensações em ciclos, dos desenhos que faziam em tempo real. quem era? a rainha? qual rainha? achei que era a minha, mas talvez não. lembrei dos meus pedidos, lembrei das conversas no ar que tivemos, todos, os anjos. anjos e demônios. eu emprestei esse livro pra alguém que não me devolveu, e agora nem lembro quem. lavei a roupa hoje, estou lavando mais - meu pai pediu - mas não quero lavar roupa. quero sentar, olhar e fumar. fumar fumar fumar. que maldição! maldição! eu quero parar, me deem uma pílula, por favor. eu me conforto nos outros quando deveria me confortar em mim mesmo, né não? peraí, acho que é o contrário. só queria ficar no meu quarto sem ninguém, no meu chalézinho sem ninguém, na minha sala, sem ninguém. mas é impossível, não é? já chorei sobre companhia e a neguei quando se apresentou a mim. por quê fiz isso? por empatia, meu caro. eu não gosto dele, e nem vou gostar. o papo dele é estranho, as lembranças que tenho são só um pouquinho boas - lembro do falo, foi o primeiro que peguei em mãos. ah, que saudade de pegar uma rola na mão! alguém? ninguém. assexuado, vou me assumir. não quero trepar, só quero fumar fumar fumar. mentira, foda-se o cigarro. e o eletrônico? dizem que é ruim também, que o gosto é péssimo e que faz mal de todo jeito. vou escrever então, mesmo sem ninguém para ler. enfim, o falo. o primeiro que chupei foi no shopping, cabulei aula e fui "ver uma exposição de rock". juro, era uma rola enorme. sempre tive sorte com rolas, devo admitir. a primeira foi a maior - minto - a penúltima foi a maior. tão grossa que me estorou. sério, eu mesmo me estuprei - que palavra mais maldita, mais do que fumar - mas é verdade. o enrustido queria me comer e o fetiche falou mais alto - ele não sabia comer e eu só sabia dar um pouquinho - até hoje, talvez, pois conto nas mãos as vezes que transei. enfim, o enrustido queria meu cu e eu dei, lógico. doeu pra caralho mas na hora foi tão bom. fiquei arregaçado, na sala de cirurgia senti até a

necessidade de explicar. "foi por relações" disse quando a enfermeira indagou ao médico o que causaria "aquilo". prefiro ser honesto a deixar suposições invadir a mente do outro. é menos patético do que a pessoa achar que eu enfiei uma garrafa de coca cola pra me satisfazer - o que nunca fiz, juro. foi a rola do enrustido. tão grossa. será que ligo pro que ignorei e tento de novo? acho que não. tem o domingo ainda, mas sei lá. prefiro ficar em casa com a família. não me importaria em ser considerado tia encalhada - há tantas por aí, e qual o mal? claro, companhia é bom e todo mundo merece e eu mais do que todos mereço - e sei que mereço pois o inferno que passei é para poucos. mas e o orgânico? eu não gosto do planejado, é tanta pressão. queria sim que caísse dos céus a minha companhia, mas não cairá e eu sei disso. "o problema é seu, viadinho". é isso que eles falam. trouxas. mas ó, sempre tive sorte com rolas. me lembro só de uma vez ser pequena - numa conferência a trabalho, um hotel em que a bee tava junto - e mesmo assim chupei e gostei. rola é bom de qualquer jeito, mas a do enrustido era mucho que buena. ele ficou bravo porque tentei pegar de novo antes dele ir embora, ele achou um absurdo. absurdo é você, querido, sai desse armário logo. saiam desse armário, né mesmo? talvez o psiquiatra saiba como fazer. gatinho ele, viu. aquela barriguinha de cerveja que eu imagino ser peludinha, bem da-ora de lamber. ah, saudades de lamber. quando é peludinho, então, vish Maria. e o banquinho está lá. você passa e lembra de tudo? claro que sim, te vi na perua enquanto Ele cortava o cabelo. o que foi aquilo? o que tá rolando? quem é que me hackeou? os tolos, aposto. a "família". porra de família, essa linhagem é louca louca louca. dance, moça da beleza amazonense, dance e me ajude nessa loucura. JESUS! quem é ele? eu e você, feticheiros do além. confesso que penso no banquinho mas não sinto vontade de sua companhia - você tem cara de vilão agora, não sei o porquê. o banquinho branco pode muito bem ser pintado de vermelho agora. um, dois, três anos. quanto tempo ele ficará? banquinho do inferno. não sei se consigo trabalhar mais. quero um cigarro de novo, e agora? fumo? creio que sim, e um gole de café. o que me agrada é que só o cigarro machuca meu coração agora, e não pensamentos do banquinho. é só uma referência agora, um outro passado. bem mal-passado, por favor. "é só um pouquinho por dia". arrogante, prepotente, ganancioso. vale de tudo! a festa tá aberta! venham e tire um pedaço da madeira branca-vermelha. eu sou preto e vermelho, mas não importa. PUM PUM PUM! não do tipo fétido, do tipo barulhento. tá frio, vou me trocar. até depois, banquinho. quando me sentir melhor eu passo por aí, em sua homenagem. sipá teus amigos vão me ver e chamar-me de patético de novo. não ligo, pois estou no pós-vida. não me acho patético, e isso importa. antes achava, mea culpa, "não olha pra trás". é o sussurro eterno. domingo táí, mas hoje ainda é sábado. vou mijar de novo. aliás, alguém já mijou em você? em mim não, mas tenho vontade. alarmante como uma hora eu quero ser virgem e noutra quero ser mijado por uma torcida inteira. até na boca, eu beberia. e você, já bebeu? aposto que sim, banquinho que fode todo mundo. essa mijada eu dedico à você, e à mamãe também. é o processo, só. somente só, assim vou lhe chamar e assim você beberá do cálice sagrado. crazy! motherfucker! words carry meaning, então foda-se. o que penso é só pra mim, e é difícil lembrar isso. o que penso é só pra mim, o que penso é só pra mim. difícil esse exercício. passa a bola, muleque. tá lá, no banquinho. passei outro dia por lá e o banquinho já não estava. agora o espaço era um mercado japonês. mas a quem enganamos? o banquinho tá sempre lá.

-----

## **a minha preta**

a minha preta me julga, até hoje. é criminosa e ninguém sabe, e nem eu sei disso, to só brincando. o crime dela é a própria língua. a minha preta me julga mas eu só sei amar ela. a minha preta me ama e não me diz que me ama mas tudo bem, não dá pra voltar ao que era antes. os de cima passaram e agora estamos na linha de frente - assustador, né pretinha? a minha preta me julga. ô pretinha, vem me amar. minha roupa tá com cheiro de usada mas não me importa, até porque é um cheiro orgânico. lembra do orgânico? pois é. eu gosto. passa um perfuminho pra disfarçar. "feromônios". lembra daquele cinema? ou a gente falando inglês no shopping? duas crianças. e agora, você tá dirigindo? eu ainda não, tenho aquele medinho desde pequeno. prefiro ser dirigido, é tão mais seguro. acho que um dia vou ter que vencer isso, mas fico adiando como sempre. adoro procrastinar. e adoro essa palavra também. ô minha pretinha, não me julga não, eu também não sei o que tá acontecendo. eles mentiram, eu nunca fiz isso, nunca nunca nunca! acredita em mim! em MIM! enfim. penso em casar só pra não ter que dirigir, acredita? ha-ha. não é brincadeira, é pura verdade. não quero dirigir, quero ficar no campo fumando um cigarro e carpindo a terra - e nem sei fazer essa porra, mas sonho. preciso do alvará, preciso do advogado, preciso me preocupar mais - mas nossa, o mundo é lindo só que não. você tentava me convencer a ir nas baladas e minha auto-estima não deixava, lembra disso? ô pretinha, me leva na balada hoje, ou no churrasco na sua laje. sonhamos que eu apadrinharia sua pretinha, e hoje em dia, quem vai fazer isso? seus novos amigos, sua nova família. poxa pretinha, eu não sou mais sua família? pois saiba que você é da minha ainda, até os fins dos meus dias. pretinha, não me julgue, eu já me desculpei. sua vó se foi e a minha também, e foi só um mal-entendido. e agora sua mamãe também. o canal tava aberto, por isso a loucura. não me julga pretinha, pois choro por sua causa até hoje. eu te amo pretinha, e sei como voltar - é só voltar, oras. com você não tem essa, preta linda maravilhosa que samba melhor do qualquer uma que a desafiar - você deveria ser atriz, sempre te disse. e agora você é. seu fã número um, eu fui. ovelhas negras somos mesmo, mas e agora? vão nos vencer? seremos ovelhas, ainda? não sei também. me falta oportunidade, mas acho que falta pra todo mundo. quem vai me ouvir, e ler? pelo menos estou deixando isso - caso algo dê errado - deixo isso pra você. minha pretinha, minhas pretinhas de sempre. lembro de outra pretinha, fui ver o filho dela numa peça de igreja, será que ela anda por aqui ainda? lembro do nome dela até hoje. Cris. ela tão simpática, lavando e dobrando as minhas roupas. eu lavei roupa hoje, acredita? to lavando ainda. que adultinho sou. mas e os barulhos, o que fazer com eles, pretinha? ignorar e dançar de acordo? acho que sim. isso não é um teste. te amo, pretinha. me ame de volta, quem sabe outro dia?

## **Momma**

### **(poema feito alguns dias antes da morte de minha bela mãe)**

Doente como você sempre é, sou uma torcedora pela sua recuperação

Fiz sua canja de galinha duas vezes agora, mas ainda assim, a sombra da sua doença me persegue desde a minha adolescência

Vi você chorar e lutar para ficar viva enquanto eu estava nas ruas, fazendo barulho em cantos e cheirando coca com a burguesia

Uma mulher, veja bem, assim como você e, ainda assim, você a odeia

Não foi ela quem me corrompeu, Mamãe

Minha corrupção tem a ver com telas prateadas e filmes até tarde da noite e as palavras escritas em livros e nas palavras de quem era cool e quem não era

Mamãe, você é tão descolada, mais descolada do que eu jamais fui, mesmo que sempre tenha sido certinha

Vejo você lutando, não só contra a morte comum, mas contra todos os parasitas que cercam seu brilho

Conselhos que você me deu e eu tratei como brinquedos, algo para brincar no fundo doente da minha mente

Eu não quero que você morra, Mamãe, e ainda assim eu a faço morrer três vezes por dia

Juro que não sou um paraíso, Mamãe, juro ao seu Deus se você quiser!

Escuta, Mamãe, mesmo que você morra, não os deixe chegar perto nem no espírito

Deixe comigo, Mamãe, juro que posso lidar com eles agora e os vejo em hordas vindo atrás de nós, mas eu os derroto num sopro, então Mamãe, nada com que se preocupar aqui

A morte não é punição, um pássaro acabou de me assustar e isso é raro, tão espertos e astutos esses pássaros — canalhas reservados, nem era um falcão, mas um passarinzinho

Eles nunca cagaram em mim, Mamãe, ninguém fez, você acredita nisso?

Espera um minuto, Mamãe, vou buscar suas calcinhas na mala

Estava pendurada ao lado das minhas calças fedorentas, sim nós as lavamos, mas os cachorros percebem

Mamãe, você já está morta e eu também, a questão é que estamos vivendo num pós-vida tão brilhante com néon e conteúdo infinito que nos esquecemos de nós mesmos

Vou te contar uma coisa, Mamãe, e isso é um segredo, mas garanti um pedaço de refúgio seguro pra nós através dos meus fantasmas, quero dizer, nossos fantasmas, quer dizer, é quase um bordel espiritual — mas lembre que há uma senha e você sabe qual é, não se preocupe, eu não vou entregá-la

Mamãe, você me guia do outro lado e eu venho preparando isso há décadas, eu estava tão assustado, mas agora me sinto pronto

Você tem medo pelos seus filhotes, eu sei, mas não somos mais filhotes e juro por você que vou cuidar do poeta, ele está sob minha proteção assim como eu estou sob a sua

Tantas trocas de roupa, tanto perfume, palavras desperdiçadas e aulas esquecíveis

Mas as lições perduraram, Mamãe, e eu sou testemunha do furacão que seu ser traz, é forte e brilhante e se reduz na cidade do desespero e da fofoca — malditas sejam aquelas bocas que um dia alimentamos e agora espalham seiva para obter um barato

Eles estão tão desesperados, Mamãe, mas eu não presto atenção porque meu vínculo com a terra não é como o seu vínculo com a terra

Mamãe, eu já fui seu avô, seu irmão, seu namorado e seu filho

Como seu filho, louvo os esforços da bolha de amor bocejando nos crepúsculos, bebendo café e comendo bolo de laranja

Suas omeletes, seu frango, seu ensopado de peixe, seu bolo de banana invertido, sua polenta — quero dizer, tudo inalcançável enquanto tento resgatá-los em cenas da minha mente

Nunca será, só alguns dos livros da sua biblioteca irão me caber, mas talvez eu entenda o cerne de tudo e também o transmita

Ou talvez seja um daqueles livros encontrados em pilhas perdidas do “é proibido proibir”, é claro

Mamãe, se eu for primeiro, agora que não te culpo nem um pouco como fazia quando era um tolo jovem

Ainda tolo, mas não tão jovem; quero dizer, até Jesus já teria algo a dizer agora

Preciso ir agora, Mamãe, porque isto não é o lamento de Dylan nem o Kaddish de Ginsberg, é mero um estranho desconhecido falando sobre pessoas anônimas fazendo coisas ordinárias

Quer dizer, quem se importa, né?

Por você, eu vou me importar, Mamãe. Por você eu me importarei.

(Boa Esperança do Sul, 2025)

## A Verdade

Quem vem lá? Afinal, tem sempre alguém vindo. O amor de décadas atrás, aquele da semana passada, o outro que já até morreu. Tem essa voz persistente que insiste que tem algo faltando. Diga-me, o que lhe falta? Mais amor? Dinheiro? Talvez mais feriados. Dias sagrados. Eu acho que a voz é sagrada. Desmitifico segredos nas cartas e admito que às vezes censuro a mensagem porque a verdade não existe e pode magoar. A voz insiste que sim, há uma verdade – absoluta, o segredo da vida, o código. O segredo? No momento que você decodifica tudo o quebra-cabeça se transforma. É que nem a fábula da tartaruga (ou é um sapo?) e do escorpião: a natureza do escorpião é picar, assim como a natureza do código é codificar. Aproxime-se daqueles que buscam a verdade; afaste-se daqueles que a encontraram. Gurus, coaches, autoridades, tarólogos com muita certeza existem em bandos. Mas sem eles, os padres e os pastores e os líderes e, ah!, Deus, o que nos resta? A voz? Sim, caros e caras e carxs, a voz! Bendita seja. O mundo real não está na TV, veja bem. Uma besteirada sem limites. Pra quê buscar a verdade? Qual a graça da verdade? Prefiro mil vezes aquelas mentiradas da voz que, com licença, são muito mais interessantes do que essas verdadezinhas permeando o ar já poluído da esfera Terra. E não vem me falar de termos como narrativa e fake 13ews porque no meu lirismo não há espaço para tanta banalidade! Pros infernos com a repetição do divino profano do blá-blá-blá dos defensores! Defender o que, eu me pergunto. Quem quer mesmo viver pra sempre? Liberdade! Palavra grande mas escassa no íntimo, principalmente dos protetores da “verdade”. Fuja fuja fuja. Não vê? Quase nada é verdade. Nem mesmo a intimidade. Estamos perdidos e, olha, isso é lindo! Na beira do mar grande, surfando ou nadando ou até se afogando, estamos todos perdidos! É sublime. Não estamos perdendo nada. Já nascemos salvos, abençoados, escolhidos. Eu escrevo é por vocês! E pra mim, essa é a melhor mentira que tenho pra guardar de noite. Quem te perde, não acha mais, fique tranquilo/a/X. Deixe que eles, nos palanques e nos noticiários, discutam a tal verdade. Quanto a nós? Sobra a deliciosa mentira da realidade. E ainda dizem que mentira tem perna curta – o tempo dos gigantes já passou.

## Queria

Eu queria te mostrar meu mundo. Te mostrar quem realmente sou, a pinta nas minhas costas, as imperfeições (que são perfeitas) do meu rosto mas mas mas você não existe. E agora? Enquanto você não existir estarei aqui, mas não prometo esperar. Esperar é pra quem tem tempo, e essa é uma especiaria que os navegadores nunca conseguiram encapsular. Talvez quando você chegar eu consiga. Já pensou na riqueza? Eu não. E é um defeito meu.

Eu queria te mostrar meu canto da cidade, a favela aqui do bairro que tem o melhor litrão e risadas fáceis e aquele restaurante do centro que tem o melhor sanduíche de pernil. Eu queria te mostrar o que é que me faz rir, o que me faz chorar e a minha mais nova música preferida. Eu queria que você conhecesse minha melhor amiga, meu pai, meus irmãos. Falar de minha mãe. Queria te explicar, sim, explicar o que é o meu amor. Mas você não existe. Enquanto eu viver te querendo, você não vai existir. Talvez quando você existir eu já nem esteja aqui, talvez tenha ido ao planeta da terra prometida por todos os profetas que vieram antes. Eu, profeta de agora, não entendo o futuro. Todas as minhas profecias são passadas, como essa que escrevo agora, de um desejo que arde em dividir o tudo e o nada dentro de mim e do não-você. Quando você chegar, não pergunte por mim, por favor. Quando chegar, visite o que não me foi permitido, coma aquilo que eu não desfrutei, beba beba beba mas não demais. Fume um cigarro, se você é desses, ou leia uma poesia. Mas vê se me esquece porque eu lembro tanto de você que eu já lembro por você! Basta! Deixe-me existir e por favor, por favorzinho, não exista. É mais belo você não existir. É belo porque, no fim, é a minha beleza que eu celebro. É talvez a minha própria beleza que eu clamo por existir. Caramba, quando é que vou existir?

## O Segredo

E eu, que quis morrer? Por sua causa, de todos os motivos. Ah, aqueles que me guiam, tenho vergonha até de pedir desculpas. Seria tão arrogante quanto querer morrer por causa de uma coisa tão patética quanto uma pessoa. Mas que poder eu dei pra ela! Justo eu, que penso e escrevo e ensino. A arma estava engatilhada e o momento final nunca esteve. É isso, nunca esteve!

Eu, que vivo tanto. Eu, que vivo várias vidas através dos livros, da música, do teatro, da interação. Perder tudo isso logo por você? Bobagem! E o choro, então? Chorar pra ninguém ver é realmente um espetáculo e na verdade verdadeira é que todo mundo vê. Eles choram comigo. Qualquer lágrima, urro, uifada é testemunhada. Quantos livros ainda tenho pra ler? Artistas para descobrir? Céus pintados pelos querubins do entardecer para contemplar?

Morrer, mas que bobagem. A morte nem existe! E pra que? Ah, não, negócio mais tonto esse o de morrer. Um desperdício, eu digo. A falta às vezes domina, o sentimento de querer, de estar, de fazer. Inatingível, todos eles. O segredo é não querer. Taí, uma frase bela: o segredo é não querer. Sublimado estou agora. Buscar, tolice. Querer, burrice. Fazer... fazer o que? O que tanto buscam? Felicidade? Companhia? Não não, acho mais belo comer um pão quando o estômago dói de fome. Dirão: há lutas para se travar! Protestos para arquitetar! Resistência, resistência! Eu resisto ao comer meu pão. Aliás, resisto desde que nasci. Eu não nasci, eu resisti! O governo não está vendo as lágrimas que você derrama, as conversas que você tem, sua luta pra ir pra casa ou qualquer outro destino. Quem vê? Deus? Faça-me rir. Você acha que Deus tá ligando? Eu quase morri e ele nem pra falar nada. O que me convence a viver, feliz ou infelizmente, é o próprio desperdício. Morrer para poder viver? Talvez sim. Eu quero eu quero eu quero. Disse tantas vezes, tentei, fui lá, me planejei. Não importa mais. O importante é o pão. Ah, o pão e o céu! Se pudesse, rechearia o pão com o céu do fim da tarde, naquele momento em que a noite vem se esgueirando pra tomar o controle. A noite tem sua própria beleza, mas aqui eu não vejo estrelas. E tem vezes que eu vejo tantas! Resistência resistência resistência! Budda ficaria orgulhoso. Quanto a mim? Tudo ótimo. Um dia tanto o pão quanto o céu vai acabar, e se não for hoje, vou é celebrar no cantinho do meu quarto. O segredo é o segredo. Algo que requer público para ser revelado, esperando o momento certo de surpreender ou calar. Se houvesse uma certa fórmula de usar as palavras eu com certeza usaria, mas qual seria a graça? Perdoe-me padre, pois eu pequei. Hoje não vi o céu e nem comi meu pão. Hoje eu quis o mundo mas o mundo não me quis. Graça, senhor padre, graça!

Resista vivendo.



## **Foram Me Chamar**

Viado. Gazela. Frouxo. Fresco. Mulherzinha. Sapatão. Traveco. Estranho. Errado.

Eu sou. Sou eu, mas sou ele e ela e elxs. Sou as cores da bandeira do orgulho, do orgulho do meu povo que veio antes de mim, os que marcharam e apanharam e morreram e morrem. Vermelho, preto, amarelo, magenta, azul, verde, amarelo, todas todas todas. Eu ouço e tem vez que corrijo. Eu tenho que corrigir. A punição de quem julga, de quem faz maldade, de quem só olha no espelho é essa: ser eles mesmos. Deus ou Deusa me livre ser essas pessoas. Olha que lindo ali na esquina aquele rapaz beijando sua menina. Olha na quadra o namorado jogando com seu namorado. Olha aquele menino que é menina também! Que incrível! Hoje podemos ser e quando não pudermos, nada existirá. A fonte vem de nós, os outros, os heróis que não aparecem na TV ou nas canções. Não precisamos disso. Estamos habitando o mundo real. Liberdade, que palavra grande! Qual é o preço dela? Se paga com o que? Peraí, tem que pagar? Não não, não é essa liberdade não. A liberdade que se paga é a deles. A nossa é herdada. Não em bens, não em moedas. Nem tudo é cash. A nossa é em sorrisos, abraços, lágrimas tristes, lágrimas alegres, urros e gritos de entusiasmo. Sim, eu vou! Diga ao povo que eu vou!

Eu ouço por aí todas essas palavras. Nem sabem que são preconceituosos por influência, acreditam no poder absoluto, numa divindade que pune. Acordem, isso não existe. Mas se existir, nem adianta mexer comigo. Por falar nisso, digo e repito, mexeu com uma, mexeu com todas. No masculino também vale. Ah, que preguiça em dar nomes. Pra quê? Não, esse é o jogo deles. Somos homens, bichos, mulheres, criaturas. Estamos, não somos. Quem me trouxe foi aquele e acolá, e isso não importa agora. Pode chamar de viado, de gazela, de frouxo e fresco e o que for mas saiba que pra me desarmar tem que me chamar de filho e olhe lá! Meu pobre pai bem sabe o trabalho que é criar bicho solto. Por que escrever? Pra que conversar? Ah, bobinhos, eu não escrevo pra firmar assinatura. Eu escrevo o que tem que ser dito pra alguns que não sabem lidar com a verdade, com o saber de que é proibido proibir e pra avisar: não somos sozinhos, não estamos sozinhos e temos olhos em todos os lugares. Isso não é para os livros de história, é pra outro Gabriel ou Gabriela ler e saber que há sim bicho e bicha e coisa e coiso por aí e, como falava a poeta, talvez não dê pra mudar o passado; mas nós já estamos mudando o futuro.

## **Um poema para os poetas (que somos todos nós):**

Você confunde minha poesia  
Com o meu enfurecimento de boemia  
Um poeta quando gosta abraça e beija  
E é nos seus versos que ele se enfeita  
É de se confundir então uma fala assim dengosa  
Com algo turvo e difícil de maneira perigosa  
Levar o poeta como garantido é difícil, amigo  
E logo vê, passou, o sentimento foi um suspiro  
Já disse que o poeta não deve se explicar  
Então por que essa vontade louca que tenho de falar?  
Talvez o poeta precise sim de boa companhia  
Um sorriso, um beijo, uma noite bem dormida  
Mas cuidado, bem, não quer dizer que você se tornou seu trem  
Pois o trilho do poeta é velho e enferrujado  
E suas palavras são repetidas de um livro usado  
Livro que tem gente que jura que vem do além  
Registro aqui como o poeta o meu porém  
Não são as palavras bonitas que escrevo pra ti  
Que querem dizer que não vivo em si  
Só quis dizer que foi legal, foi bacana  
Mas agora o escárnio me tira da sua cama  
Outros vão gozar do que um dia tu me deu  
Mas ninguém vai saber o que de você mesmo tu escondeu  
Eu sei porque eu estava lá  
Eu sei porque te fiz falar  
Se quer ou não quer, o problema não é mais meu  
É, musas queridas, o amor, como sempre, se perdeu.

Poema pra alguém por aí:  
A boca, a boca assim fechada  
Do jeito que tu faz, largada  
Me deixa louco, de lado  
Me protejo, eu nado  
Na imensidão de ti, que ti fala, que me cala  
Essa boca desse jeito abre e fecha  
Bem na hora que te pego de fachada  
Pois é só na aparência que és meu  
Ó mulher, homem bicho, me perdeu  
O que perde é o meu riso de tanto te escutar  
De falar de coisas simples, de falar e de falar  
Nossa noite colorida já me sobe feito o ar  
Mas é o ar da mensagem que, de novo, faz calar  
Ah que boca marcada, que boca beijada  
Por lábios de outros, outros que me dão coragem  
De me adentrar no teu eu de paisagem  
A paisagem de dama que é vagabundo  
Essa dualidade me deixa longe de ser confuso  
Te entendo como uma musa, uma louca, um amor  
Mas que amor é esse que surge do nada? Impossível  
Impossível me mostrar desdém a cara do porém  
O porém de não querer querer  
E seu corpo com sua boca viver  
Eu não vou descrever o que sozinho ela faz  
É um trejeito tão lindo, tu não sabe rapaz  
Reconheci, sim, a causa do efeito  
Que me traz seu receio pra dentro do peito  
Boca alucinante, boca sem paz!  
Maldito o dia que você fez o que faz  
Com outros clientes na luz desse luar  
Um luar tímido que as meninas ficam a lutar, a perguntar  
Como que faz pra entrar nesse paraíso num par?  
Sejamos dois, três, o que quiser

Mas vem pro meu lado, preciso da sua mulher  
Pra me afagar meia noite feliz sabendo que você é atriz  
Você sussurra piadas no ouvido, refiz  
Mulher menino que me faz sonhar  
A piada é minha porque agora vou ter que encontrar  
Um servente sem graça pedindo que abra a boca como você fez  
Já foi, senhorita senhor ser, me refez  
Agora despeço da música e vivo a me esconder  
Perguntando pra sempre: você de novo vou viver?  
Perder.... Perder.. Perder... sem ver. Você vai me foder.

## **"Caminhar Das Almas"**

Eu enxergo almas, sim  
Almas cativas, urgentes, decorrentes  
A cada encontro, um olhar  
Todo mês, o luar  
Que querem me dizer? Dizem tanto e eu, desarmado, me abalo  
É o ofício dos anônimos, sejam amantes ou adversários, as vezes os dois  
Olhei logo uma melancolia disfarçada de imaturidade  
Me irrita, me recolho mas tenho em mim o azar, azar maldito, de me importar  
Eu jurei que ia, não jurei? Pois bem  
Estou aqui e vejo vocês  
Estou aqui e ninguém me vê  
Tudo bem, a ignorância do inteligente e a inteligência do ignorante  
Os dois me cansam, me sugam, exigem  
Então é essa minha sina? Como posso aceitar, se vi o depois?  
Digo que vivo no agora, alto e pra quem quiser ouvir, no estilo de madrigais que  
despertam quando eu passo  
Não reconheço, mas entendo  
Me canso de esquecer, de você, de viver  
Corra, lúcido profeta  
Pois a loucura, aqui, está em oferta  
Fuja, não me olhes, desista  
Um sonho esquecido, a vida de artista  
Rimando de novo, facilmente, me nego formações e esfrio a mente  
Um pedido, uma pegada, uma amizade  
Chega disso tudo: todos clamam saudade.

**(para M. B.)**

**"Asas"**

A fala mansa, a voz que dança  
Para os brasileiros, intraduzível  
Para os franceses, chanteuse  
Italianos, prima donna  
Os hispânicos, sempre guapa  
Adorada, mulher, machucada, mulher  
Não veem o que estão fazendo? Não veem que até na boa intenção, partem o seu  
coração?  
Pois é resiliente, é mãe, é tia, é lar  
Poesia viva, coroada pela voz da rua, da noite, do interior e seus viveiros de má intenção  
Pra cima dela? Piada, não cola, não dá  
Asas trêmulas, parem de cobrar!  
Deixe-a quieta, a pensar, deixe-a quieta, a chorar  
Entendam que seu choro rega a vida de cada um de seu convívio, do mais leal até o mais  
lascivo  
Pra ela não há diferença, mas e o preço que paga? Quem vê?  
Alicerce e monolito, testemunho a feitura do mel da rainha como uma operária ansiosa  
para chamar sua atenção  
Deve se deitar à noite, cansada e preocupada em uns dias, atizada e animada em outros  
Ode a ela é ode a todas  
Mãe Gaia, Maria, não importa o nome  
Não. Sei.  
E nessa de não saber, com o traquejo de seu sorriso quente e risada boa, me sento feito  
aluno aprendendo à toa  
Deixem ela voar! Mas que saco!  
Erro meu. Entendi. Ela já nasceu voando. Furacão.

## **O Cara**

E não é que o Diabo é um cara legal?  
Outro dia encontrei ele numa encruza e ele inteirou um pino pra mim  
Falou vá devagar meu filho, não vai no piso  
O piso pesado dos carolas, das imagens, das rezas benditas  
Veja que esse ser imortal ajuda a rua e ainda disse: ela tem olhos  
Portando, você que lê, cuidado como trata os filhos da noite pois  
Ah, pois somos uma minoria que é maioria  
Pra encontrar tal cara é só olhar sua sombra no sol ou uivar pra lua cheia  
Ele ajuda, mas com o que pode  
Não vê que até o diabo é limitado?  
Um ser original, que veio de lá (isso eu sei)  
Mais antigo que qualquer evangelho ou que Dante  
Oferece o fruto da good vibe e se você pedir licença, dar um café ou um fumo  
Então você pode falar com ele sim e olha, eu garanto, a conversa é boa  
Mas bora parar com essa conversa que ele é malandro discreto  
Mas nem todo malandro é esperto  
Nenhum malandro é esperto  
Sacrilégio

## **"Mentalidade"**

Caramba, você não entende?

Eu não ensaio, eu sou

Beleza de ser que parece que você não quer entender

Não vou culpar a sua idade, a nóia tá na mentalidade

Já vi, ouvi, li mas

Mas, mas

Mesmo assim

Te dou o prazer de ouvir

Não finjo, me nego a planejar, vejo todos os olhares traiçoeiros

Garoto, parece que não sabes sonhar

És belo, sim, mas não entende

Ser belo não é o suficiente

Não pra mim, nunca foi

Não entende, finge dor

Hora de fingir? Besteira, não tente fugir

Minha fumaça não é arruaça, entenda logo!

Tenho pressa, beijo lento, carinho merecido

Não sou eu que será acessível

Decidi testar: em cinco segundos, tu começa a falhar

Mas que pena, não não, não é a idade

Sim senhor, tá na mentalidade

Não importa cores, sotaques, gírias

Um batuque me chamou: não me tentes, meras galinhas.

## **"Morto"**

E no meu velório, que deu mó bafafa?  
Foi tia, conhecida, primo, amantes secretos  
Cada um esbanjando meus segredos  
Eita confusão!  
Eu junto às almas vagantes urrava de rir e, nossa, não é que eu falei isso mesmo?  
Uma confusão, café e bolacha, de tão bem quisto no recinto adornado  
Teve irmão que nem foi, mandou no lugar dele um mendigo que me amigara em certa ocasião  
As lamentadoras misteriosas sabiam só de seu ofício voyeurístico da tristeza  
Os boêmios da minha juventude nem ficaram sabendo  
Vizinho ficou sabendo porque saiu no jornal da Internet, "esse não prestava"  
Bela opinião, nunca prestei mesmo  
Curiosamente minha melhor amiga não chorou nada nada nada  
Fiquei é feliz por isso, quer dizer que pelo menos alguém entendeu a farsa  
Café e bolacha, café e bolacha  
Uma pausa pros cigarros, as escapadas, os sussurros quando anoiteceu  
Bem na hora que o pessoal da cidade grande chegou  
Aí que o circo armou! Mas que inferno, me enterrem logo, tenho mais o que fazer  
O boato mais sórdido é sempre o mais mentiroso  
Isso aí, rancorosa, nunca fiz nem falei ou sequer pensei  
E eu lá, ouvindo as palavras e o pensamento  
Me botem já na terra! Quero ver minha mãe!  
Aí chegou ele e juro que se eu tivesse coração taquicardia atacaria  
Rolou um tchan na troca de almas e ele só vislumbrou meu corpo curtido no caixão e escapou pra fora  
Fumou um quieto, sentado no meio fio  
A melhor amiga foi falar com ele, a única  
Os outros não sabiam  
Surpresa de que veio de tão longe, pegou até aeronave  
A verdade que nem eu sabia, ela também não  
Se importava, esse amigão  
Amigão, que maneira simplista de resumir  
Chorou com ela, mas ela teve a educação de não perguntar o porquê

Decidiu falar, em outra língua, uma anedota não publicada em meus livros  
Ele sorriu. Ah, amigo, sorria. Eu volto já.

## **“São João”**

O microfone que vem da janela anuncia o bingo da igreja em junho  
Ah, o tempo que ia com meu pai tomar quentão  
O segredo é o gengibre  
O segredo era meu pai  
Calmo, decepcionado, mas calmo  
Lua junina, me viu lúcido e insano  
Curtia mais o insano quando dancei a quadrilha de lado, olhando os jovens e imaginei um  
abuso que nunca aconteceu  
Fogueira, queime visões que tive e principalmente as que não tive  
Noite de São João que tem o poder de sorrisar o seu Zé e o seu joao  
Noite de São João, esse ano não danço não

## **“Garrafa ao Sol”**

Esse sol na cara é bem melhor do que a garrafa  
Esse sol na cara é bem melhor com a garrafa  
A garrafa é bem melhor com esse sol na cara  
Espera, e o sol e a garrafa?  
Traga, baccho  
Traga, Ra  
Traga tabaco  
Traga chá  
Traga pó  
Traga o luto de recém viúvos  
De bebês mortos já graúdos  
Esse sol na cara é bem melhor que a garrafa  
Esse sol na cara é bem melhor com a garrafa  
Abra os olhos e veja, é no fruto que se acha a certeza  
E eu nem sei o que fazer mas  
O sol e a garrafa! Para de me corrigir! Para de competir!  
O seu amor, ame-o e deixe-o livre Para amar  
Diga menino bonito, quando vai me beijar?  
Vai se espreitar, explanar, deleitar  
Leitar, espero espero espero  
Assim mesmo, leitor, leitar não só de vaca e cabra  
É conhecido como conhecimento de raça  
Homem e mulher. Que absurdo isso nem existe mais!  
Garrafa, sol, leite, chá, pó. Deleitar  
Vamos tentar  
Só tentar  
O mínimo é tentar sem precisar sentar  
Me dá cãibra  
E preguiça e inveja  
Todo mundo sentando  
Mas eu tenho o sol e a garrafa e o sol com a garrafa  
Vai casar, careta, que eu vou deleitar  
Minha festa privada. A senhorita não está convidada.  
Sol e garrafa sol e garrafa atira na raça atira na raça  
Guarde pro final, o que é divino pra mim, sussurro na sua orelha e cobro assim  
No sigilo ninguém sabe  
Quem na minha cama vem visitar  
Imaginar!

## **"Lira de Orfeu"**

Aqui tenho tudo, tudo  
Não tenho sua atenção  
Não de verdade, entende?  
Quando você se mostra, claro  
Quando eu me mostro, esgarço  
Sinalizo, digo, canto  
Não vai ser o seu acalanto  
Aquele que busco ao me deitar, tentar relaxar  
Vem o outro, me pergunto se é você  
Respondem que claro que não  
Mas já não acredito tanto nesse refrão  
Ah, se eu pudesse falar  
Mas meu juramento de fidelidade me faz calar  
Me leva pra casa toda noite, não reclamo  
Mas mesmo assim, no toque, não sinto teu pranto  
Será que choras? Será que que, repito como todos, tolos, pensas em mim?  
De alguma maneira deve pensar  
Mas é meu pecado tentar entrar  
Dentro da mente, da pele, da gente  
A gente, onde foi parar? A gente  
Mas que junção irônica, ridícula, inexistente  
Entendeu? Inexistente  
E, mesmo assim, coerente  
Se faz sentido, por que não te sinto?  
Fragmentado, mentiroso, moral, exibido, carente, formado  
Homem. Adão. Que termo mais obsoleto, meu amigo, mas você pede que em meu poder  
eu não retire de você  
Transparente, disse que eu era, mas agora vivo calado, escrevendo, escutando: sofrendo  
Me levou ao espetáculo, eu criança  
Nem sabia da ciranda  
Toque, orfeu, mas saiba que meu ouvido já não é seu  
Irônico, poeta reclamando de poeta  
Será um paradoxo? Me cansar, é a meta

Me deixe descansar, esquece de palavras trocadas décadas atrás  
Sou velho o suficiente pra não tentar te encontrar.

Para Miguel Giuzio Neto

Temperamento de Exu  
Devoto de nossa senhora  
O que contar de uma irmã homem?  
As últimas lembranças, em vídeo  
As primeiras no aeroporto, no jogo  
As outras convivendo, experimentando deleites e prisões  
Crimes e indulgência  
Isso pra ele não importava  
Com admiração, eu temia  
Facetas de uma alma dividida entre a defensiva e a generosidade  
Nunca vi alguém igual  
Nunca haverá  
Agora, depois de ter ido num susto, me sussurra conselhos  
Alguns sórdidos, mas a maioria de consolo  
Eu acho que o sórdido tá do meu lado  
Depois de ir, me deu festa no etéreo, me mostrou vislumbres do que esperar  
E digo, meu amigo, mal posso chegar lá  
Não só por poder conversar com você, pois isso faço vivo enquanto você morto  
Mas quando eu morrer você é o primeiro querido que quero ver  
Ah, biutyful  
Divino maravilhoso

## Inimigo

Esquecemos do inimigo, camaradas  
Se disfarçou dizendo que nos aceita  
Mas a divisão nunca foi tão evidente  
Eles veem em nós odieria, ofensa, nojo  
Eles que ganharam, não foi?  
Há uns 500 atrás, sim sim  
Preto, viado, estranho, os outros  
Somos nós, os outros  
Somos nós, os inimigos  
Quem matou mais? Não importa, são o mesmo  
Você busca comunidade, citando o poeta, na caridade de quem te detesta  
Cruzes, rosários, rezas e novenas  
O sincretismo confundiu vocês  
Ouvi dizer que quando bruxas não lutam, elas queimam  
Não percebeu? A inquisição tá na cidade  
Não importa logradouro  
O Messias insiste em voltar, mas você acha que cometerá o mesmo erro?  
Anônimo, sem face ou seguidores  
Apenas observando  
Nem lista ele faz, isso é coisa da instituição  
Ele, de mil faces, alugando até a sua  
Se preserva observando o resultado de morrer pelo pecado de outrora  
Deus me livre  
E me perdoe por caçoar de sua tentativa de controle  
Boêmios, errados, mercenários, risca faca  
Sou bagaceira e se o que observa permitir continuarei assim até o fim  
O fim? Todos os dias  
Te vejo lá.

(para G. B.)  
"Uma Mulher de Minha Terra"  
Conheci assim, mulher distinta e povoada  
Do meu banco de praça, alvorada  
Ela, acompanhada, já brilhava  
Foi numa troca de olhar, de ditos e não ditos, de risos incontrolláveis  
Adorada, sorriso largo e cabelos vermelhos  
Cor de sangue, sangue real, a nobreza que deu certo  
De mistérios tentou me contar, e era justamente em sua cadência que vim encontrar  
Conselho, piada, tudo e nada  
Se cansa com o banal, o que é para sua estirpe o normal  
Me cansa o tédio e pra isso ela me dá remédio  
Mas veja bem, de graça é só pra quem sabe fazer graça - que sabe de sua graça  
Mulher, pajé, baronesa de lares e cigana da rua  
Encara escorpião, se veste de cobra e tira a pele quando quer  
Não falei? É puramente mulher  
Seu exemplo escapa aos trouxas  
A ironia de seu verso traduz até em roupa  
Quando calada, o recinto inteiro sente  
Mas ela não aceita a pressão dos que só querem dizer não  
Ah, rainha de sua terra, minha terra, nossa terra  
Lutamos pela paz e temos a pachorra de rir da guerra  
A guerra da hipocrisia que não nos toca, e quem te toca? Quem te toca sabe bem se pode  
tocar de novo ou se tem a missão de se retirar  
Não se canse, mulher folclórica, ensine eles até a respirar  
Noturna, mamífero e inseto, homem feminino e mulher máscula  
Cabelos soltos se quiser, presos se puder  
Varia do dia, da hora, do momento  
Aqui parafraseando o grande poeta: qual pai, qual mãe importa?  
Nada, filha das águas  
Molhe o cabelo, tome sua vitamina e juro, juro mesmo, foi no seu banho de lua que vi  
uma alma no espelho  
A foto não ficou boa, te explico: nada que o homem inventou te resume  
Fazer o que? Ela sabe, mas eu nunca vou saber  
Se esconde agora em seu corpo liso, dentro de sua crisálida verde e roxa

Descansa, meu bem, talvez amanhã apareça o trem

Antes do fim disso, prometo como uma música que escuto: te espero na estátua na hora marcada, sem pressa de nada, pronto pra servir e sempre, sempre, me divertir - sem sumir.

## **"Mulher"**

Ela sorri e se dá sem achar  
Que hoje seu amante carrega o mar  
Foi na sua frente que eu encontrei  
A lua crescente quando recordei  
Foi nela um suspiro gigante de amor  
Abriu sua boca, respira a dor  
Se apegas, me mata, me faz questionar  
O que a mulher nunca quis falar  
Na sua quietude o mar se revolta  
Rainha constante, uma vida sem volta  
O pinga da cidade que vibra a olhar  
A deusa tão triste, ela vai falar  
Eu sou quem eu sou, não vou mais mudar  
Mudar nunca quis, me digam, sou ar  
Te faço cair e sempre estarei  
Brincando contigo, menino, um rei  
Chamei de amigo, depois descartei  
Olhar tão fugaz, ela faz a lei  
Sem nunca dizer quem sabe de si  
Encontra refúgio no momento que ri  
Do ridículo que aponta e quer afrontar  
Ah, faça amolada, você não irá  
Ao meu desencontro, contrair o de lá  
Ao porto que ando, andar solitário  
Te tiro do amor, te encontro no armário  
De novo na noite, não vai esconder  
Princesa, rainha, nunca vai morrer.

Não me peça explicações. Eu me nego e meu protesto é justamente esse, a ironia de ter que dizer isso me torna nesse momento hipócrita. E quem não? Não foi, não quis, talvez se azucrinou. Problema meu, teu, nosso. Cartas escritas em notas invisíveis, mas a nota que tá importando não é a verde, é a vermelha. Oras, veio do pau! País produto, juro que é a terra prometida. Bafafa, muita hora nessa calma. E assim o tempo passa, no pouco de tempo que é demasiado não só pro poeta. O pessimista guarda recibo e eu só guardo efêmeras memórias. O passado que é o futuro, mas ah! já falaram sobre isso. Já falaram de tudo. Critica minha forma mas nem entende o meu conteúdo. A hora que eu quero me mostrar, que é rara, todos de repente estão distraídos. Entendeu? Simples cumplicidade dada de graça nas encruzilhadas no interior ou na cidade, de madrugada urrando silenciosamente e de manhã cantando mal mas mesmo assim cantando. E a música que é religião pra mim é a mais perfeita companhia que poderia pedir e sim, eu prometo parar de fingir, mas por enquanto não dá. Por enquanto uma rede, um fumo, um garoto bonito. Nada de mim vale algo no mercado e apesar disso me acham no mais profundo esconderijo de minha árvore plantada por velhos e mortos parentes. Minha família assobia pra chamar os pássaros, que são os únicos que gostam e prestam atenção quando eu canto. Vários momentos, no meio fio, um cigarro na mão e uma saída escondida na bolsa. É, rapaz, chegou a hora. As minhas palavras me traem, mas nem por isso deixo de colocá-las no jogo. Jogo todo dia, e o tédio me visita no fim da tarde. O remédio é de graça mas só faz efeito depois do esforço do fingir. Eu morro todos os dias. E você, se preparou? Pare pra pensar.

## “Órfico”

Será que um poeta pensa em mim?

Assim, de longe ou mesmo perto

Seria bonito se um poeta pensasse em mim

Eu que já pensei e escrevi tanto, sendo vítima da minha própria foice

Às vezes você se envergonha, mas o problema não é o poeta em si mas

Sim, o que ele mostra e deixa ser mostrado

Ahh, se um poeta pensasse em mim

Sorte a sua que eu penso em você, não me censura, nem pense em me ceifar

Penso, digo, grito, calculo

Eu que nem sei de quem estou falando

É ele ou ela? Bem, sei do meu desejo e das minhas trapalhadas

Ultimamente acho que deveria ficar com a boca fechada

Mas, pensar pode, ou não pode?

Ah, que decepção se um poeta não pensar em mim

Assim, quando acorda e espera a água do café ferver

Quando se deita depois do almoço ou de madrugada pra dormir

Pensa em mim, poeta, porque eu as vezes só consigo pensar em você

Se um poeta pensar em mim eu juro que me calo, juro juro juro

Mas afinal, se um poeta pensar em outro poeta, eu acho que o jogo acaba

É, acho que poetas não pensam em mim

Tudo bem, acharia sem graça se fosse assim

## **As verdades não me apetecem mais**

Eu, antes procurante e ansioso por elas, agora desiludido

Aliás, ilusões detalhadas de cores néon me fazem bem

Cada um tem uma, mas que tédio, não sabem navegar

Palavras batidas como propósito, significado e um tanto assim, que Deus me livre

Aliás, sobre o pecado de buscar, eu peço perdão a quem devo e nem sei o porquê

Não quero saber, não mais

Pra que?

Risonho e calmo, seja orgânico ou artificial, prefiro mergulhar em novos velhos poetas  
que anseiam por ser tidos como lidos

Chegarei lá, devagar, e o deleite de suas verdades irão enaltecer o meu gozo

O gozo das verdades temporárias que logo se tornam ar

Ar, importante, mas que não anda me ajudando não

É, verdades já não me apetecem

Mente pra mim?

Eu sempre fui estranho. Olhando do lado de fora. Não por ser gay ou outras coisas mais indizíveis, mas por ser eu. Eu acho que é assim com todo mundo, em escalas diferentes. Diferente. É uma palavra bonita. "Esquecido", já não é. Tem muita gente esquecida por aí. Eu vejo elas nas redes, tanto sociais como físicas, vejo nas ruas de dia e de noite, vejo nos centros ou nas praças. Cercados de gente, mas mesmo assim, um pouquinho esquecidos. É esse o medo final? Ser esquecido? Não, eu tô falando de quem é esquecido, não de quem será esquecido. Eu gosto de ouvir as pessoas, de qualquer contexto, e não sei por quê. Acho que eu tento casar a minha parte esquecida com a parte esquecida delas. Você pega isso no ar. Um sorriso que escapa, um abraço mais apertado do que o normal, um suspiro. Será empatia? Não sei não, acho que é algo orgânico porque eu sinto que os bichos também têm esse lance. A resposta não é sempre a natureza? Outra palavra bonita, que diz muito. Natureza. A natureza de alguém. Existe isso? Fico perdido. Esqueci, viu? Mas os rostos eu não esqueço. Já me disseram uma vez: "Estamos todos sozinhos e, nisso, estamos todos juntos." É um bom pensamento. Acho que essa frase ajuda quando nos sentimos esquecidos. A gente acha que ninguém tá vendo e, nossa!, isso bate uma melancolia. Pelo menos pra mim. É estranho, e todos somos estranhos e a gente esquece disso tentando ser igual e destruindo a singularidade de lembrarmos de que estamos todos juntos, não é? Se você pensar, não tem inimigo. Não de verdade. A verdade é que a punição de uma pessoa "má" é, na realidade, muito cruel. Não quero falar disso. Estamos cercados de babacas, mas eu confesso que às vezes sou canalha. Babaca é diferente de ser canalha. Mas não quero discutir esses adjetivos. Eu divago, mas volto à questão: a estranheza do esquecimento que já expliquei. Será que estou falando de solidão? Acho que não, é algo parecido que eu não consigo muito explicar, consigo? Entrar em porquês é perigoso demais hoje em dia. "Não falamos disso ou daquilo", mas falam todos os dias. Que isso? Eu acho que eu falo demais. Sempre me disseram isso. E nisso, me feriram. Me curei, mas tem um custo. Enfim, sabemos quem está por aí. Eu acho que a gente esquece porque encontra. Ou não encontramos, somos encontrados. É a lua cheia, essa confusão. Estou aluado. É, aluado é estranho. Uivem pra lua. Ela vai gostar.

## **Pássaro-rei**

Canarinho, sabiá  
Passarinho, sussurrar  
Paixão é pular, fazer o vinho quietinho  
Parece briga, mas é amor  
Canarinho não quer mas sabiá explica  
O que precisa? Uma saída  
Um dia sozinho, caindo do ninho  
Encontrou os outros, roucos  
Voou voou voou e cansou  
Mamãe, pra onde passarinho vai?  
Ah, filho meu, pra todo lugar  
Mas mamãe.. pra quê?  
Filho! Pra ver!  
Boquiaberto, bicando, entendeu  
Perto dela, era luxo e risadas  
Longe dela, a vida como piada  
A mais bem contada, desorganizada  
Punchline! Não tem tradução, mermão  
Tá largado, fumado, tão cansado  
Passarinho não sabe ajudar  
Pensar nisso faz chorar  
Mamãe, cadê você?  
Sabiá já não estava, ah que vida chata!  
De noite, ele ouviu de repente e num susto:  
Passarinho, o sabiá agora é tu.

## **A Dona da Morte**

Oi, mãe. Hoje eu sonhei com você. No sonho, eu estava sozinho e chorando. Eu não queria escrever e publicar isso que eu nem sei onde vai dar, mas você sempre adorou meus textinhos. Eu acho que você quer que eu escreva. Eu acordei sozinho, despido de tudo, não só as roupas. Chorei. E senti seu amor. Não há ode que eu possa fazer, e estou sobrecarregado dos discursos de terceiros que dizem como fostes boa para eles. Boa companhia, bons conselhos, altas risadas. Há um bloqueio na minha mente, como se meu espírito estivesse se protegendo da dor de lembrar de você. Mas eu tenho que lembrar de você, e não só quando vejo suas fotos ou penso em suas palavras. Eu queria chegar em você e contar sobre minhas conquistas, minhas perdas, meus desejos e ansiedades. Não posso. Então escrevo aqui. Você, que iluminou tantos, me assusta. O que assusta é a sua ausência. Parece que eu herdei suas preocupações, seus maneirismos, suas loucuras. Lembro-me das vezes que te ofendi, a maioria sem intenção. Mas lembro mais do que te fazia brilhar. Não vou entrar no mérito de espiritualidade, porque já tivemos essa conversa de várias maneiras. Nem estou promovendo meu luto, que até agora não havia acontecido. Não te imagino cercada por anjos como a igreja manda, nem renascendo como faz o espiritismo. Imagino você visitando. Sinto seu choro, sinto sua alegria e seu orgulho. Ah, mãe! O escritor não tem nada a dizer. Quase dois meses sem você e cá estou eu, promovendo revoluções em minha vida em sua homenagem. Acordei afoito, sozinho. Não me lembrava de onde estava, de meus queridos, das minhas aventuras. Só você, ali, perto. E sei que estará aqui, perto. Não gosto daqueles que não deixam os mortos descansarem, mas olha eu aqui. Poesias perdidas, palavras desconexas, um âmago vazio. Eu sei que você volta, mas não é sempre. E com isso, me conformo. Não sei como terminar. Há mesmo um fim? Acho que isso vou descobrir, como você já disse. Afronte, não deixa, desafie. Você revolucionou sua existência, e quem leva os louros dessa iminência de poder é quem é castigado em saber que não pode mais ouvir sua voz. Castigado, magoado porém ainda aqui e com você, eu sigo. Te amo, Carolina. Te amo.

## Diferentão

Ele sempre fez o que era correto. Trabalhar, se casar, formar uma família. O estilo tradicional. Mas isso não fez dele tradicional. Se olhar de perto, ele é bem diferentão. Dizem que não se pode ser amigo de seus filhos. Isso é mentira. Ele é meu maior parceiro, se eu for pensar. Me deixou crescer colorido, mesmo com a cegueira dos ignorantes ao redor. Nunca me podou, nem quando eu também saí diferentão. Eu, curioso, sempre faço perguntas de onde ele cresceu, como, com quem. Tem a história de um casamento onde minha avó, e todo mundo da família enorme que era, esqueceu ele em casa e foi pra igreja. As histórias da casa mal-assombrada da avó dele onde ele morava, com corredores escuros e luzes desconfiadas. As histórias do meu bisavô, que construía casas, histórias dele, que já teve floricultura, cafeteria, lanchonete, bar. Já foi metalúrgico, onde passou maior parte de seu tempo como trabalhador, e sempre se ligou na política. Foi assistindo jornal com ele que eu criei a habilidade de ser crítico e entender realmente a parcialidade de uma notícia ou narrativa. Tenho pouca paciência com o banal, assim como ele. E isso não é arrogância, é somente uma característica. Gostamos do simples, do básico, mas gostamos do bom. Ele sempre tem uma história sobre os membros da família, histórias de quando eu era muito pequeno ou ainda não nascido. Teve boa educação, dá pra ver, e se manteve culto ao longo dos anos. Quando alguém fala “ah, ele é minha referência”, a gente sempre fica meio duvidoso, então não vou falar isso. Mas, realmente, esse cara é diferentão. Eu queria ser como ele, em questões de cérebro. Talvez eu nunca chegue lá, e talvez isso seja bom. Ele, que não parou de trabalhar um segundo antes de sua aposentadoria, me transmitiu uma força inigualável. A força de quem entende o que é sacrifício, dever, honra. E nada de patriarcalismo, o cara se ergueu em meio à mulheres fortes desde o começo, passando de sua mãe e suas irmãs, para sua sogra e suas sobrinhas e filha e, claro, minha mãe. Ele, como bom italiano, se formou no seio da mulher brasileira, dando-lhe o crédito que é devido e transmitindo isso para seus filhos. Estamos bem, pai, estamos com você. Muito obrigado por ser quem você é, **Jorge Gubert**. Feliz dia dos pais à todos os pais diferentões.

Fosse nos tempos antigos, ela certamente teria um lugar reservado no meio da fogueira. Quando ela fala, todos param pra escutar. É simplesmente natural pra ela, esse tipo de dinâmica. Quem teve o prazer (e para uns, o merecido ‘desprazer’) de conviver, sabe disso. Ela já fez de tudo, e experimentou muito do que a vida tem a oferecer. Nas cartas, ela é a carta da Lua, que em leituras gerais significa coisas ocultas, mistério, magia. Também é incumbida a ela a carta do Carro, que significa triunfo. Essa combinação é um deleite para quem o vive. Ela aproveita, saboreia, ilumina a vida dela e daqueles ao redor. De poder de reza brabo, ela não anda sozinha, e isso você nota em pouco tempo. Uma das coisas que me encanta em ser filho da Carol é ver que, independente da idade e como uma boa professora, ela ainda aprende com a vida como se fosse um filhote aprendendo a falar. Ela não para. De uns anos pra cá, tornou-se sim mais sábia, mas também mais carinhosa. Ela, junto ao meu pai, criou uma família baseada totalmente no amor, o que ela às vezes acha que foi um erro. Mãe, não foi erro, foi destino. Sob suas mãos os seus filhos tornaram-se pessoas calorosas, empáticas, conectadas ao humano que habita em cada ser estranho que somos. Nossa individualidade remete ao que você criou, três gremlins do bem. Mas o mérito não é nosso. Foram vocês.

Ela tem diversas amizades, espalhadas pelo mundo. É amiga dos reis e dos plebeus e, dentre eles, não faz diferença alguma. Veio da simplicidade e, mesmo tendo conquistado o material, ainda mantém-se humilde e curiosa. É essa curiosidade que a mantém vivaz, esperta, com vontade de viver cada dia como se fosse único e, dividindo essa experiência com ela, vejo que ela consegue. Eu adoro, por exemplo, ouvir ela falar no telefone, sempre dando conselhos ou dando risada com familiares e amigos. Sua candura, seu alto interesse em ser, sua loucura me fascinam a todo momento, e eu agradeço a quem eu puder por viver a experiência de ser seu filho. Obrigado por me ter ao lado, **Carolina Marcondes**. Feliz aniversário!

### **Um texto para todas as mães desse mundinho complicado!**

"Um clarão de luz, uma força da natureza. Todo mundo sabe o poder de uma mãe. Com um olhar, te destrói, e com um carinho, te abriga. Buscando o presente da minha numa joalheria no shopping, fui atendido por uma moça simpática. Perguntei se ela tinha filhos e ela disse que sim, e eu lamentei que ela teria que trabalhar no dia das mães. O que ela me falou me tocou em um jeito diferente. Ela disse: "Ah, mas todos os dias é dia das mães." Agora, quem já viveu um pouco, sabe que é mentira. Todo dia é dia do filho, para essas mulheres que nos gerem ou adotam. O filho precisa de material escolar, a mãe tá lá. O filho precisa de fraldas, a mãe manda o pai ir buscar. A matriarca é criada, e ao redor dela a família nasce. Foi assim na minha, pelo menos. Se fossem tempos antigos, seria minha mãe sentada no centro da fogueira, contando os causos e espalhando a sabedoria. E eu digo que todo dia é dia dos filhos com absoluta propriedade. Minha mãe não consegue nem comer um doce porque se surge um passarinho gritando ela tem que dividir. Seja como for, essa data eu queria falar um pouco sobre as mães que me tocaram durante a vida. A minha, **Carolina Marcondes**, já escrevi tanto que nem sei do que chamar mais. A **Margarida Carlos** Carlos pode não saber, mas ela é também como uma mãe pra mim. Me dá doce e presentes escondidos, sempre tem conselhos bons e os nossos papos são inflados de risadas e uma fofquinha boa. Eu fui também testemunha de uma mãe que nasceu, a **Ana Paula Marcondes**, que se tornou uma mãe fiel e assertiva, defendendo seus filhotes com unhas e dentes (e não vamos esquecer da Dona Hermínia, nossa dorama favorita, que foi mãe solteira e criou duas belas criaturas). E, recentemente, tive e tenho o prazer de acompanhar a vida da **Ana Guirro**, minha terapeuta, com o lindo Joaquim, que não para de crescer e surpreender. Em minha vida, sempre encontrei mulheres guerreiras, começando pela minha própria mãe. Elas me ensinaram a adular, a levar a sério quando devido e também muito sobre empatia e simplesmente curtir o momento. Os conselhos que a minha mãe me dá ecoam nas minhas orelhas desde o momento que ouço até, acho, o momento que eu não respirar mais. Com minha mãe, não sinto medo nem desespero e, quando preciso daquele afago, voo pra ela. Ela sempre tem as asas abertas, e me dá amor do jeitinho especial dela (que todos sabem que pode ser bruto feito carvão, mas precioso como diamante). Ser mãe é um ato de coragem, e um ato de resistência. O barbante nunca pode estourar, e elas estão constantemente tricotando. Parabéns, mulheres e homens, que são mães. Apreciem esse dia, porque amanhã será só mais outro dia. Infelizmente."

## **“Só Amigos” (traduzido do original em inglês)**

Estou com sede como você

Por favor, me ajude a passar por isso.

Os dias têm sido curtos e irônicos,

Faz meu coração pular como uma placa tectônica.

Já não sei mais o que fazer,

Qualquer coisa para me aproximar de você.

Não precisamos entrar na rotina,

Eu só preciso que você vá em frente e lute.

Por algo que você precise de mim, assim como eu

Preferivelmente algo que não possamos perder.

Todos os pássaros me cantam pela manhã,

Mas é à noite que as luzes me suplicam para não ser entediante.

Agora, por onde quer que eu olhe procuro teu rosto,

Não significa amor, é mais como fé.

Ninguém consegue fazer isso sozinho,

Cuidado, meu amigo, você acabará com a cabeça estourada.

Você já fez isso antes e reclamou depois,

Nunca me chame de covarde, muito menos de hater.

Disse que você era bonito por dentro e por fora,

Minhas palavras me traem e eu nunca sei como.

Acontece dia sim, dia também

Os espíritos zombam de mim, mas me mostram como.

Toda vez que canto aquela música de quinze anos  
Eles começam a gritar para manter nossa amizade forte.  
Como eu disse, você nunca faz isso sozinho  
Vamos, amigo, eu te mostro onde fica o lar  
Para que você possa reclamar das garotas por quem suspirou  
E eu possa reclamar de como chorei cedo demais.  
Não me entenda mal, isto não é uma declaração de amor  
É simplesmente uma estação de amizade incondicional.  
Vejo que você está perdido e em negação  
Também vejo que você é corajoso como um leão.  
Aquela foi triste e arrepiante  
Naquela época você me disse para seguir em frente e me animou.  
Nosso tempo ainda não acabou  
Amigo, você pode deixá-los todos molhados.  
Se sua decisão ainda for um não  
Bem, então me desculpe, terei que ir.

(9 de fevereiro de 2024)

### **Um pequeno recorte sobre o que vivemos “hoje”.**

“Ele usa meia-calça, peruca e maquiagem.” Estamos descrevendo um travesti? Uma drag queen? Um/a transexual? Não. Estamos descrevendo o rei da França, lá do século tralalá. Os povos originários, em sua maioria, enxergavam o prisma humano em três partes: homem, mulher e o/a terceiro/a. Quando o Brasil é invadido por Portugal, o indígena Tibira, que representa esse terceiro sexo de sua cultura, é avistado por um colonizador. O estranhamento do europeu não gera curiosidade ou surpresa, o índio Tibira é colocado em um canhão e explodido aos ares na frente de toda sua tribo. Ali morre o terceiro sexo. Mas na verdade, sempre estivemos aqui.

Por quê o rei e seus conterrâneos podiam naquela época? Qual é a noção de estética e gênero que temos? Nascemos com isso mesmo, ou é só uma construção? Se você acha que é a primeira opção, releia o primeiro parágrafo (talvez você entenda, e se não entender, pode parar por aqui.)

O extermínio de povos virou uma commodity secular. Ou seja, como ABBA cantou: “o livro de história na prateleira está sempre se repetindo.” Estamos a todo tempo sob ataque, e qual é o motivo? De onde vem o ódio? Quando eu penso em ódio, eu penso em barata. Meu mundo acaba quando avisto uma. Mas mesmo assim eu mato. É uma micro-hipocrisia, e uma comparação chula e indevida, mas foi o que eu pensei na palavra “ódio”. A verdade é que eu não tenho ódio da barata, eu tenho medo. E é por isso que eles nos agredem, nos violentam, nos matam, desde sempre. O holocausto aconteceu contra principalmente os judeus, e agora temos judeus praticando o mesmo ato de genocídio contra a população palestina. Com o apoio dos EUA, Israel da extrema-direita de Netanyahu forma-se para liquidar seus inimigos, assim como Hitler fez. A terra prometida só pode ser pra uso deles, não daqueles lá.

A grande mídia está culpando o que chamam de grupo terrorista do Hamas. Sim, a jihad – que é guerra em nome da religião – é um conceito totalmente deturpado de realidade e deve ser combatida (como todo tipo de guerra), mas pensem em décadas e décadas de guerra e instabilidade, fome, desolação. É claro que há de ter uma resistência e, quando não sobra nada, sobra Deus, e é por isso que o Hamas mata em nome “Dele.” Mas com toda a força do capital e dos ideais sionistas o extermínio é inevitável. Rita Von Hunty disse em uma entrevista que o Holocausto foi a Europa tendo o gosto do genocídio que a própria Europa criou na época das grandes conquistas e navegações, e é sua pior cicatriz até hoje. Quando eu ouvi isso, minha ficha caiu. É exatamente o que aconteceu. Hitler queria re-colonizar a Europa, e deu no que deu. E se você disser que eu estou defendendo Hitler, você realmente não está entendendo esse texto e eu aconselho que você pare por aqui, pois minha heresia é infinita para quem não a compreende como ironia. Uma vez estava conversando com uma grande amiga, e estávamos justamente comentando a luta do povo árabe contra os EUA (dá um Google pra entender Iraque, Irã, Afeganistão, Paquistão e quais são os reais interesses da grande terra da ‘liberdade americana’.) Ela me disse: “Sabe o que foi o 11/09/2001? Um grande dedo do meio pros EUA.” E, na época, lembro de ter dado risada e é claro que comentar um “que horror”, como homem civilizado, branco e cisgênero que sou. Mas isso me marcou, e hoje vendo o que acontece em Gaza e na Palestina inteira, tenho que concordar com essa amiga.

O poder não enxerga nada além de si. O status quo quer se manter. É por isso que nos matam. É por isso que nos matamos. Mas devemos dar mais dedos do meio. Estou sugerindo ataques terroristas? É claro que não. Estou sugerindo ataques terroristas intelectuais e mentais. Vai ler um livro, faz um grupo de teatro, vai na Igreja do seu bairro e oferece ajuda com aulas sobre o que você mais conhece (sendo você religioso ou não, sendo você sendo um professor oficial ou não – bota no ChatGPT, boba). Movimente-se porque, e há certeza no que eu digo, o inimigo não dorme. Não é porque o Lula tá eleito e o Bolsonaro inelegível que ganhamos. O mundo está literalmente acabando, e não vou fazer todo o discurso Greta Thunberg, mas não estamos conseguindo cuidar da gente, muito menos do planeta. Quem é que vai se importar com a natureza se tá com o estômago roncando há dias? As pessoas, não só os LGBTQIA+, estão morrendo aqui. De fome. E lá também. Não conseguem ver que somos um? Não há mais tempo para divisões, meu povo. Não é só em ano de eleição que a pólvora come solta, como vimos hoje em São Vicente. Eles estão nos cercando e nós estamos escondidos no quarto. Chega. Extrema-direita é um termo que nem devia existir, muito menos reinar (olha a bagunça da Argentina). Eles existem por causa dos insatisfeitos, só isso. Mas nós também estamos insatisfeitos, mas parece que a embreagem do carro não tá funcionando e eles tão andando de automático por aí. Conserta esse fusca, irmã e irmão, e bora dirigir. A grande verdade é que o bolo é nosso, mas só Maria Antonieta está comendo. E se trouxer a guilhotina de volta, acabou pra todo mundo. E é isso que está acontecendo. Brasil. União e reconstrução - > tem que ir mais rápido, viu? Abraços com amor (e ódio pras baratas só).

Um poema para comemorar o aniversário da minha maravilhosa irmã gêmea.

## **“Minha Loira”**

Minha loira tem uma beleza natural,  
Ela sabe que até de pijama é sensual.  
Isso é na verdade uma cruz que carrega,  
Pois às vezes não veem o que dentro ela entrega.  
A minha loira não passa vontade,  
Ela põe na cabeça e segue sem maldade.  
A beleza passa, mas a dela é interior  
O que os outros enxergam é somente o exterior.  
Eu vivo com essa beldade, e reconheço sua malícia  
Quando falamos de pensamentos e falácias das privadas milícias.  
Já chorou comigo por vários motivos, mas encontra consolo até na leitura de um livro.  
Bukowski é quem ela mais gosta, mas ela adquiriu gosto por todo tipo de prosa.  
O andar dela tem encantamento, a sereia que vive presa num apartamento.  
Quando jovem, eu condenava quem a olhasse com terceiras intenções  
Pra mim o lugar dessas pessoas seria nas prisões.  
Agora, mais maduro e entendido, vejo que o que ela oferece deve ser dividido.  
Não pense nunca que a reduzo à estética, mesmo que sim, ela parece uma boneca.  
Eu a chamo de princesa e a beijo todo dia: um de manhã para acordar e um à noite para abençoar.  
Minha loira nasceu comigo, ficamos juntos no casulo que era nosso abrigo.  
Mesmo quando longe, nunca estamos ausentes  
Uma parceria que realmente é diferente.  
Passei 16 anos estudando com ela, questionando o mundo pela janela.  
Ela, mais desenvolta e popular, mal via a hora de se formar.  
Nossos caminhos se estranharam, mas mesmo assim nossos meios de amor nunca mudaram.  
Minha loira é brava, mas doce. É escandalosa, mas sutil. Um minuto é um sorriso, no outro é ‘vá pra puta que o pariu’.  
Ela não descansa até conseguir o que quer, e por isso se transformou em uma grande mulher.  
Não me esqueço de quando tinha medo do escuro, e me pedia pra dormir no quarto dela como espécie de escudo.  
Eu, sempre aluado meio que estranho, aceitei a proposta de ser de seu rebanho.

Pois minha loira é uma pastora, de ovelhas bem cuidadas e asseadas, mas que podem também serem mortas e assadas.

Minha loira reclama um pouco, mas aguenta de forma lenta. As minhas (grandes) loucuras ela até sustenta.

Ela não tem paciência com quem tá começando, e deixa bem claro quais são seus próximos planos.

Fitando a janela pensando em como descrever nossa conexão ou a existência dela, me dá vontade de pintar uma tela.

Mãe forte, pai guerreiro, irmãos desvairados e amigos em terceiro.

Minha loira quer o mundo, minha loira se produz, se maquia, sai pra causar. É um alvoroço em todo lugar que ela chegar.

Os olhos de todos, minas e manos, se voltam pra loira com inveja e encanto.

Tem que ter o santo forte pra ter essa moda e a minha – ah, senhores, a minha loira é um tanto foda.

## **Um pequeno poema sobre amar demais chamado "Azul".**

"O azul que me assusta  
Me persegue e me mantém na luta.  
Todo dia consome, o que ele engole.  
Nem tentei descrever o que sinto por ti,  
Mesmo assim te resgato de um mal dizer por aí.  
O olhar azulento que você em mim foca,  
Me faz lembrar dos tempos que vivíamos na oca.  
Ninguém vinha ou podia sair,  
Sem um ídolo ou Deus pra seguir.  
Esse azul que me apavora, dizendo em silêncio que me adora.  
Todo dia ali começando no anoitecer,  
Todo dia pedindo pro meu coração ceder.  
Qual a razão dessa perseguição? Andar mais de mil milhas e ainda assim ouvir não?  
Tendo vencido já a morte, exalto e enalteço a boa sorte.  
De dias em fuga sem seu olhar azul,  
Confessando que tu me deixa blue."

## Homenagens

“Carolinar”

Em vista de seu aniversário, venho falar hoje de quem me protege desde o berçário  
Ela desde muito cedo teve que lutar, para a vida boa nos propiciar  
Viveu sem o pai desde muito cedo, mesmo assim se desenvolveu ao redor do medo  
Ela gosta de festa e de ter gente ao redor, mas na solidão ela encontra seu pormenor  
Um detalhe no seu sorriso nos faz delirar, moça galante que hipnotiza no olhar  
Seu charme é indescritível, o que fez homens e homens viver sem riso  
Ela deles nunca pediu nada, prefere seguir sólida em sua própria estrada  
Inspiração de muitos a mãe é servida, a minha parece mais um copo de bebida  
Te inebria com um pequeno gole, e afasta aqueles que fazem corpo mole  
Incisiva ela insiste em sobreviver, e faz o relógio de alguma forma parar de correr  
Se o tempo para e ela repara, pra zé ninguém algum ela vai fazer sala  
Seu jeito cativante nos pega pelo pé, e ela não tem medo de mostrar o que é  
Chega a ser quase monstruoso, o jeito que ela nos faz pegar gosto  
Gosto de interagir e aprender, e quando há algo de errado ela não hesita em repreender  
Seus conselhos no amor são ambíguos e corajosos, e deixa o apaixonado pensante e  
quase perigosos  
Não há dúvida em quem pergunta por ela, buscando encontrar o ‘Carolinar’ como uma  
esfera  
Virou verbo após anos de demonstração, do que é pegar a vida pelas pernas e tomar  
ação  
Não há um momento leve de tédio com ela, nem quando ela está somente pilotando  
uma panela  
Ela brilha com o menu da vida, e deixa seus comensais deliciados sem saída  
Enfim, encerro, sem ter o que dizer, essa mulher é porreta e nunca vai morrer  
Pois se um dia o coração dela parar, o que tem dentro dela certamente irá ficar  
Como paixão que dura mais que um verão, sua presença sempre será um furacão  
Não pense nunca em se paralisar, se ao lado dela você ficar  
Ela mostra o caminho com sua delicadeza, e aponta o caminho com toda certeza  
O mapa que ela tem é aquele aprumado, e na jornada você sempre quer ter ela ao lado  
Eu tenho essa sorte, a de conviver, com a mulher maravilhosa que insiste em me mover  
É por ela que meus sinos tocam e tocam, na mesma velocidade que os maldosos  
fofocam  
O boato mais vivo que dela surgiu, é que na vida dela ela nunca caiu

Na armadilha da infelicidade e tristeza, ela passa pela vida como o famoso cometa  
Depois dela não há o que existir, somente vida nova todo dia em se abrir  
Por causa dela eu sangro palavras, como a força de jovens numa nova armada  
Te amo, Carolina, sem nem perceber: você é minha vida e sempre vai ser.

## **Para todas as mães!**

"Não vou escrever sobre ela. Não dá, não dá, simplesmente não dá. Eu tentei. Eu juro que tentei. Mas falhei. Ela virou poema, texto corrido, música e até personagem em livro. Mas nenhuma dessas tentativas fez jus. Foram pacatas, ordinárias, sem graça nenhuma. Pelo menos pra mim. O que é que tem essa mulher? Essa candura, essa impaciência paciente, esse mistério. Ah, o mistério! Eres uma bruxa, isso sim! Uma deusa, talvez? Não sei. E estou nessa há 31 anos. Convido meu próximo a tentar. Vai lá, tenta definir. Tente capturar o que nas palavras que são proferidas da boca dela tocam tanto na gente. Tente compreender o que no jeito dela nos faz refém – mas refém de si mesmo. Tanta conversa, tantos momentos. As alegrias e os piores momentos: todos viscerais. É como viver em um reality show dos cosmos, conviver com essa mulher. Não irei usar o adjetivo 'grande', porque é pequeno demais. Vê meu dilema? Qual adjetivo usar? Qual eu ainda não usei? Não há vocabulário suficiente nas línguas que conheço. Privilégio, o meu. De ter ela. Quer dizer, nunca se tem de verdade alguém tão selvagem, tão influente quanto alguém igual a essa mulher. Será que outros espécimes assim existem no mundo? Não sei, pois não encontrei. E procuro, ávido, como se um dia conseguiria tirar a prova o que é que faz esse âmago tão extremamente impassível. É de uma destreza bela com que caminha na vida, e sempre foi. Olhando pra trás, penso em meus erros adolescentes em degostar de uma atitude ou duas. A imaturidade me dava inocência. Eu não tinha noção do que eu estava presenciando. Hoje eu sei, eu juro que sei! Mas como eu vou contar? Eu preciso! contar. Mais alguém há de testemunhar o balaio da gata mais resiliente que há! Algum de vocês, por favor? Reiterem o que digo! Não, não digo, o que declamo aqui, pois só na declamação posso subir no palanque apropriado para gritar aos céus: É Mãe! Minha mãe! E com isso irei finalmente me recolher à minha insignificância de todos os dias ao tentar decodificar o ser: impossível. Não dá. Eu não escrevo mais. Palavras soltas ao vento, essas. Não importa mais, já está fincado no tempo e na história. E, se alguém discordar, vou me sentir livre: não sou esse tonto iludido, então. Mas, convenhamos, não há ilusão no que ela me faz sentir e ser, meus caros. Eu ganhei na loteria. Não sei o que dizer. Um simples obrigado, talvez. Um 'eu te amo' sussurrado nas festas de família, ou ao finalizar uma ligação. Um beijo quando a vejo pela manhã. Uma conversa boba na base de sua cama de noite enquanto damos risada da ruindade da novela. Um gemido de prazer ao comer sua mortadela frita com tomate. Ou sua sopa de ervilha. Ou seu bolo de limão, o formigueiro, o de cenoura com chocolate, o de laranja com calda de açúcar! Ah, tentarei ser o que precisas de mim, prometo-lhe isso. Não há mais o que dizer, pois os tolos que querem definir se perdem na descrição, e eu há tempos já me perdi. Eu-te-amo. E, claro, prometo não ser mole.

## "Jorge"

É um cara de masculinidade viril mas sutil, o cara que nunca sumiu.  
Possui a palavra sábia, algo que lhe protegeu de muita lábia.  
Nas cartas representado pelo imperador, na família nos protegia de qualquer dor.  
Resiliência de herói, mesmo imerso em rotina que corrói.  
Bon-vivant da vida simples, e não estou sendo irônico  
Esse jeito de descrição é confundido com algo quase biônico.  
Mas minhas palavras aqui são sinceras, algo presente em agora diversas eras.  
A nossa amizade pode ser objeto de inveja, principalmente a quem a camaradagem  
nega.  
Ele possui um humor ácido, dono de um vocabulário vasto.  
Ferramentas usadas para se defender, quando alguém se põe a lhe ofender.  
Conhecimento de enciclopédia, sua visão de mundo sempre fora acima da média.  
Ser pai para ele é como um dom, tirando da vida sempre um lado bom.  
Para todas as horas o que der e vier, para todas as horas o melhor que puder.  
Quando a vida machuca sua palavra é sempre de cura.  
Quando a vida toma, suas ações te mostram que ele lhe adora.  
Ele é o cara que diversifica sempre que a vida complica.  
Sem medo e sem má vontade, parece que todas as questões do mundo ele sabe.  
É, companheiros, o gaúcho é o cara, e digo isso sem nenhuma marra.  
A minha sorte é vivida diariamente, tendo a oportunidade de aproveitar de sua mente.  
Se me sinto mal, ele é o tal.  
Se me sinto bem, ele é o trem.  
Se me faço sofrer, ele me aponta o que aprender.  
O cara é foda, parece que inventou a roda.  
Não tenho mais o que dizer, e nem faço isso pra ele aparecer.  
Ele não precisa, pois sei que ele tocou minha vida.  
Sou testemunha de como ele tocou a de outros, na rua são os bichos soltos.  
Quando há um desmanche, ele é o cara que no fim do dia paga o lanche.  
Ele não sabe o quanto me ajuda, sem me fazer sentir culpa.  
Culpa de não cumprir minha missão, coisa que ele faz sem noção.  
O gaúcho realmente mostra a que veio, vivendo a vida e ensinando sem receio.  
Sempre que precisar, é só ligar. Sempre que pedir, é só sorrir. Ele vem, ele ajuda, ele faz.  
É o cara que traz a paz.



## Mesa de Jantar

Coisa linda, coisa mais gostosa  
Vem conhecer o mundo de forma prazerosa.  
Coisa linda, coisa mais gostosa  
Lhe ofereço flores de forma generosa.  
Esqueço meu percalço no brilho do olhar  
Te vejo descartando meu coração lunar.  
De nada te pergunto mas tudo vou saber  
De quem tu mais existe, sem te ver eu vou morrer.  
Mas sei que bem me achas sem tamanho de aguentar,  
Minha predileção de mesa de jantar.  
E sei também que ouço o fim do bem-querer,  
Da louca e eterna tarde que passo com você.  
Coisa linda, veja o amanhecer  
Brilhando nos meus sóis sem nunca escrever.  
Coisa fofa, eu vivo a perguntar  
Qualé a frase certa que vai te conquistar.  
Mas nem sequer me ouve, nem sequer me iludirá  
Pois tem todas as honras de humano secular.  
Ahhh ali te vi, já bem sorri, nem sou capaz de me acudir  
Sem nem tentar, vou me calar, nem sei bem mesmo ao certo a hora de falar.  
Fugir da sua vista para guardar o que é meu  
Tentar dizer um dia que fui o seu Romeu.  
Ó coisa linda, coisa mais gostosa  
Lhe falo aos ouvidos que és minha cheirosa  
Ó coisa linda, e de morrer  
Melhor é eu fugir pra parar tanto de sofrer  
Melhor é eu fugir pra parar tanto de sofrer.

## **Cântico de Agosto**

dizem que o diabo é do mau  
sei que não é mal  
se eu te disser quem sou eu  
a história desapareceu  
se você me perguntar: ah, de onde é o seu lar?  
te respondo: onde fica meu altar  
altar do diabo que tu criastes, mas me disseram: quem criou o diabo, que fique com ele!  
eu fico com a deusa dos elementos, da gravidade, da má idade  
sei quem sou e não precisa repetir  
pedi pra Oxum subir  
Oxossi me deu a mata  
mas ainda não sou maga  
quem me pergunta: que que cê qué?  
eu respondo: a minha muié.  
sabe, anjo, falei-te em sonho que isso ia mudar  
quem manda no barraco agora, vai ajudar  
quem trás o carnaval sou eu, portanto não queira me poupar  
do gozo do pêlo negro que tenho lá no mar.  
fique com seus bons dias, tardes e noites  
não é pá-pô, não con-vér-çá  
yoyo num tá nem aí. perai, menti?  
digo-lhes a verdade, do fundo do âmago, direto do núcleo da terra:  
agora, é minha vez, não d'ella.

### **"Eu sou filho da Carol"...**

...era a frase ouvida nos corredores e salas de aulas do Liceu Camilo Castelo Branco. Era meu código, meu password. Com a frase, eu entrava em qualquer recinto ou departamento. Ou pelo menos a secretária me colocava pra esperar com um sorriso.

Eu cresci cercado de professores. De mestres. E sou filho de uma mestra de cacife. Ela foi professora da minha escola, coordenadora de ensino, coordenadora de eventos e coordenadora de marketing, entre outros. Isso me mostrou que o seu diploma não dita a sua carreira. Fora do castelo, ela conquistou outros cargos de chefia por ser quem ela é.

Cativante, charmosa, de oratória poderosa e cultura interminável. Ela cresceu do nada, da pobreza, e conquistou seu espaço com vigor. Foi ela quem me mostrou o que é música boa: no carro colocava Rita Lee, Ney Matogrosso, Queen, Mamonas Assassinas, Elton John. Foi ela quem me deu meu primeiro livro: 'Violetas na Janela'. E o segundo, também: 'Pollyanna'. E, então, ela mudou minha vida: me comprou a coleção do Harry Potter. Lembro até hoje do cheiro dos livros quando eu lia pela primeira vez. Eu era literalmente transportado para outra dimensão e, achei ali, o que queria fazer: me dedicar à linguagem em todas suas formas de expressão. E tive bom treinamento.

Foi minha mãe que me ensinou o que verdadeiro sucesso é. Foi ela, junto ao meu pai, que me mostrou que sucesso não é ter fama ou aparecer na TV. Sucesso é passar pela vida das pessoas e deixar sua marca positiva. Ela fez isso, e eu tive a sorte de testemunhar. Milhares de alunos fazendo homenagens pra ela, velhos colegas mantendo o contato, pessoas que ela aconselhou e abrigou debaixo de suas asas de mãe durante os anos. Eu tenho vários irmãos e irmãs adotivos, que encontraram a minha mãe.

É difícil falar sobre alguém que teve uma vida tão diversificada quanto a Carolina. Ela não se deixa entediar, e a faísca nunca apaga. Essa gana de viver, descobrir e criar é algo que agradeço aos céus se eu tiver 10% da quantidade que ela tem. Me ensinou a lutar, a depender emocionalmente em mim mesmo e nunca transferir essa responsabilidade aos outros. É difícil falar, pois não é facilmente entendido o efeito que uma Carolina tem na sua vida e na dos outros. Só quem conheceu, estudou, amigou, trabalhou, é quem sabe. Essa daí ninguém para. Não conseguiram parar antes, acha que vão conseguir agora? Óbvio que não. E até hoje, chegando aos 30s, quando me perguntam quem sou eu ainda respondo: "Sou filho da Carol".

(Janeiro 2021)

## "O Gaúcho"

"Posso falar com o Gaúcho?" foi o que eu disse no telefone quando era criança. O Gaúcho, no caso, meu pai. Eu adorava o fato dele ter um apelido e tinha curiosidade sobre sua vida no trabalho, afinal ele passava grande parte do dia lá.

Eu não sei bem quando me toquei que tinha um bom pai. Talvez quando entrei na vida adulta e recebi relatos de outras famílias, famílias de amigos. Foi aí que percebi que o meu era especial. Esteve sempre lá, sempre.

O cara mais inteligente que eu conheço, e eu conheço pessoas BEM inteligentes. Lembro quando ele nos levava da escola para a casa e eu, sempre curioso, enchia ele de perguntas. Ele sabia as respostas para todas. Esse é o meu problema em ter filhos, na verdade. Eu imagino esse filho me perguntando as coisas como eu fazia com meu pai, e o problema é que eu não sei todas as respostas, não como o Gaúcho. Graças a Deus que tem Wikipedia e Google agora.

Lembro que cruzávamos a Av. Aguiar de Haia e eu perguntei o que era Haia, e ele me contou tudo sobre a convenção e seus aspectos político-sociais. Tive sorte. E percebi que tinha um pai diferente. Um dos bons.

O Gaúcho sempre me apoiou, em qualquer ideia louca que tinha. Foi numa dessas que decidi ir morar com uma amiga no centro de SP. Ele aparecia às vezes com compras de mercado. Fala sério, quem faz isso? Meu pai.

Foi em outra aventura que decidi mudar para Brasília, de longe a pior experiência que tive. Ele ligava, me mandava dinheiro, etc. Fala sério, de novo. Ele faz demais. Ele vai além. Entende o que é legado, e passou isso para os três filhos.

Hoje em dia o meu rolê favorito é andar de carro com ele. Motorista exímio, do tipo que você se sente extremamente confortável em ser guiado. Em silêncio, conversamos. Em conversas, nos conhecemos cada vez mais. É o meu maior companheiro, mais fiel amigo. Me entende (ou tenta entender), me apoia em tudo, me eleva. O Gaúcho é foda.

Ele nos mimou a vida inteira, e o que eu mais quero nesse mundo é poder mimar ele. O cara merece. Vejo a vida através dos olhos dele e ainda me surpreendo com sua inteligência. Ele me inspira, me faz querer ser melhor. Já prometi: assim que ficar rico vou comprar um Maverick pra ele.

Posso contar da vida dele para exaltar suas conquistas e esforço, mas não é preciso. Todos sabem que o Gaúcho é foda. Meus amigos sempre me falam disso: "seu pai é foda, hein?". E é mesmo. Um ou dois defeitos, mas sutis e sem importância. Afinal, perfeição é tediosa. Mas é o mais próximo de perfeito que há, disso eu sei.

O Gaúcho perdeu o sotaque, mas ainda gosta de um bom churrasco, um chimarrão, umas piadas inapropriadas. O Gaúcho torce pro São Paulo, mas nunca esqueceu do Grêmio. O Gaúcho teve três filhos. Três corações pulsantes, que o olham ainda com um toque de assustadora admiração e carinho. Precisaria de uns mil anos para conseguir absorver todo o conhecimento que ele tem para oferecer. Todo mundo merece um Gaúcho. O Gaúcho, meus caros, é foda. E segue sendo.

(Agosto 2019)



## **Mas é esta a juventude que quer tomar o poder?**

Como muitos incluídos no vasto grupo de perdidos a meio da festa atual do país nasci nos anos 90 e me formei durante os anos 2000's, cheio de referências universais e uma base educacional pobre e doutrinada. Chamam-nos de 'milenarios', (millennials, para os americanos – craques em rotular algo antes da hora); o que nos caracteriza é o bombardeio de informação que recebemos desde o primeiro grito uterino até o nosso desenvolvimento jovem confuso, andarilho e descolocado, apáticos – nossos psicólogos e psiquiatras começam a urrar um problema extremamente irônico: temos excesso de informação. A nossa capacidade de filtragem é incompetente e essa apatia nos permite, ao máximo, analisar as inúmeras discussões e manchetes lançadas ao dia-a-dia rasamente: factóides tornam-se verdade dentro do nosso repertório (mandatório, veja bem) de opiniões e posicionamentos em mesa de bar ou quaisquer confraternizações. Somos arrogantes e não percebemos que isso, também, é alienação. E de péssimo gosto.

Escolhi a frase emblemática proferida por Caetano Veloso acompanhado d'Os Mutantes para dar tom a essa análise. O pai tropicalista, já em 1968, travava a luta contra o nacionalismo cego e o hábito partidário, o 'torcida de time' que temos cravado no sangue. Junto a Gilberto Gil, Nara Leão, Gal Costa, Os Mutantes e muitos dos pioneiros musicais estabelecidos hoje em dia, foram à luta contra o preconceito artístico de lutar contra o que é tão normal e corriqueiro na criação hoje em dia: a classe conservadora da (então considerada) nata da Música Popular Brasileira que protestava contra ritmos universais sendo difundidos na música brasileira pelos artistas supra citados, usando como bode expiatório dessa "perda de identidade" o símbolo da guitarra elétrica. Houve, na época, até uma passeata contra a guitarra elétrica, e nela estavam grandes personalidades como Elis Regina (encabeçando a MPB da época) e, pasmem, também Gilberto Gil, que liderou junto a Caetano momentos depois o movimento que iria fortalecer a ideia contrária da passeata. Gênios também erram, pois gênios nunca são gênios: são o conjunto das informações que tiveram acesso e como a digeriram, combinando o contexto social que estão inseridos – imaginemos a pressão sobre cada um deles, todos jovens e não tão consolidados como são hoje – sem saber pra onde ir. Deslocados, como nós. Mas pensantes, e muito menos arrogantes do que somos.

Os tropicalistas acreditavam que a arte brasileira se beneficiaria cada vez mais com a contínua ideia da mistura, da miscigenação artística, do debate a fim do melhor e do diferente – há coisa mais brasileira do que isso? Um país formado por escravos, imigrantes estuprados e representações de todo o canto do globo – como considerar isso absurdo, ameaçador? Achar que tudo que a Bossa Nova começou em nossa música seria apagada, ao invés de complementada, era a burrice da época. Burrice não – medo. O termo fincado como Tropicália surgiu a partir de uma mostra artística por Hélio Oiticica no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: Carlos Calada relata em seu livro "Tropicália – A História de uma Revolução Musical" que, ao sugerir o nome da primeira música do CD que lançaria o movimento à Caetano, o fotógrafo e produtor de cinema Luís Carlos Barreto declara: "Bote o nome Tropicália! Quando eu a ouvi, me lembrei imediatamente de um negócio que vi meses atrás, no MAM do Rio(...). Era uma coisa maravilhosa. Um labirinto cheio de plantas e pássaros onde, depois de atravessá-lo, você encontrava uma televisão". Um nome perfeito para encapsular o momento atual de busca constante de uma identidade brasileira, porém, não somente brasileira: universal, como influências de John Lennon e os Beatles também buscavam e pregavam. O

conhecimento, o ‘a mais’ sempre agregará a sua identidade e voz, não excluir o que já havia lá, estabelecido e orgânico. A juventude da época, mais burguesa do que hoje mas igualmente alienada, não entendeu. É aí que nasce a ruptura de É Proibido Proibir.

Foi no dia 12 de Setembro de 1968, o ano mais apoteótico na história cultural universal, que Caetano entrou no palco do Festival Internacional da Canção já com a batalha tropicalista iniciada, junto a Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias para apresentar a mais nova canção tropical, É Proibido Proibir. Os Mutantes, armados com instrumentos elétricos e sua atitude sempre jocosa, entram com Caetano rebolando sexualmente, todos com indumentárias futuristas contra as vaías já ensaiadas pelos estudantes enraivecidos no Teatro da Universidade Católica (PUC-RJ). O ódio exasperou-se quando trazem com eles um jovem hippie americano, Johnny Dandurand, para acompanhá-los no ato que expressava a universalidade procurada pelo movimento, um ultraje para os nacionalistas burgueses. Coros de “Bicha!” contra Caetano, tomates podres e pedaços de madeira começam a voar contra o palco enquanto Caetano, deixando a música momentaneamente de lado, discursa frustrado contra “a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar o velhote inimigo que morreu ontem..!” e que não estava entendendo “nada, nada, NADA!”. E correto ele estava, pois a classe estudantil não estava entendendo nada – estavam defendendo o inimigo da difusão universal, defendendo o nacionalismo burro que gera poder militar e confusão política, acreditando isso ser a busca de identidade nacional. Identidade não é nacionalismo, identidade é viva e mutável – ainda bem.

Parte da plateia vira as costas contra os músicos, Os Mutantes correspondem: rindo, contra a plateia, sem parar de tocar a distoante música elétrica misturada com o urro brasileiríssimo de Caetano contra a demagogia instalada. Que frustração, Caetano, em ensinar um público a expandir horizontes artísticos e ser vaiado por esse mesmo público por estar fazendo exatamente isso! Ó, meu Brasil!

E ainda, no ultimo dia do rock, falsos liberais tem a pachorra de declarar que devemos buscar nosso nacionalismo musical, que estamos muito ‘gringados’: eles não pesquisaram, não estudaram e não filtraram o que compartilham, usando inclusive o nome de Caetano e Gil – líderes da ideia completamente oposta - para tentar fortalecer o argumento estúpido.

Querer ser vanguardista é egoísmo para o que vivemos: não temos o luxo. Somos todos autores, atores e formadores de opinião: levantarmo-nos e usar o que há disponível, sem medo e sem subestimação do que você conhece e tem e teve como referência, é imprescindível. Escreva, cante, fale e publique. Pensamos o contrário, mas a verdade é que alguém está, sim, vindo pra ajudar. Falta pedir, juntar, misturar.

Está na hora de criar, vocalizar e deixar o ceticismo e a apatia do lado – a hora de misturar, difundir e seguir em frente, esforçando-se.

A histeria atual que vivemos – e uso o termo sabendo de seu contexto passado machista - porém sou um otimista incorrigível e acredito na reapropriação dos termos – é resultado direto dessa mesma batalha. Temos uma participação bem mais numerosa graças aos artifícios tecnológicos, mas bem mais perdida em contrapartida. Os grandes veículos de comunicação, incluindo a ilustríssima Rede Globo de televisão, se aproveitam de uma pátria viciada em apoderar nomes e personalidades, levada à distância do fático, processual e do real. Não se questiona a informação: se questiona e respeita o veículo, o emblema, o time. Ficamos cegos ao rumo da bola, não nos importamos com quem apita e conseguimos somente uivar e gritar em

lados opostos enquanto o jogo se desenrola entre os poucos jogadores sortudos, com contratos de participação vitalícia. Como caímos tão facilmente numa onda tão claramente estúpida de alienação política? Eles tem medo, e tenha certeza disso, pois estamos percebendo que também somos autores, cantores, formadores de opinião - e desconstrutores também (viva!) - somos todos artistas, carregamos todos uma, duas ou várias mensagens importantes de vida ou opinativa.

Passou da hora de crucificarmos e enterrarmos os inúmeros Pero Vaz da Caminha's, deixar o coletivo e a comunidade se erguer como reguladores, e não os símbolos de poder que torturam nosso povo sofrido dia após dia com notícias pré-selecionadas e que respeita somente o bem-estar do 1% rico: Pero Vaz continua escrevendo as manchetes e passou da hora de deixar a colônia morrer. O conceito de juventude é, novamente, somente um termo usado para generalizar as vozes do contexto social. Sabemos agora que a faixa etária não é parâmetro para tal coletivo. Aquele que busca o aprimoramento, o conhecimento e a melhoria presente e futura de uma existência comunal é o que entendo por juventude.

É hora de mostrar que podemos sim ser a vanguarda antes do tempo - e querer ser vanguardista é egoísmo, não podemos nos contentar com isso. Temos que ser tudo que nos rodeia, o amor ao próximo tão pregado pelos velhos pastores da mentira. Devemos respeitar o seu deus, ou a minha deusa, Oxossi, Ogum, quaisquer e todos. Um juiz que carrega bandeiras suja a pureza esperada de sua ocupação. Ouso comparar a atitude dos opositores da guitarra elétrica com a também recente advocacia pelo retorno de um poder militar-social. Não passarão! Seja você o vanguardista da sua comunidade: vote, se informe conversando com quem está ali, discuta a reforma política que quer ver, difunda (sim, de novo) suas opiniões. Faça um jornal do bairro, crie um app, um roteiro, um vlog. Clamemos que os tempos podem sim alcançar o pensamento. Sejam os a juventude que quer, sim, tomar o poder. De volta. Sejam todos tropicalistas mpbistas universalistas. NÃO AO GOLPE.

(Maio, 2016)

(Brasília, 2014)

## **VIDA PASSADA**

Nos ultimos seis meses eu me afastei de qualquer pessoa que considerava como amigo, fui tratado com ainda mais desdém e indiferença por quem deveria me amar com prioridade e não tenho certeza do que quero fazer, quem eu quero ficar ou como quero viver. também nao tenho um emprego, dinheiro ou alguém que queira falar comigo todo dia. eu passei a vida me considerando querido, inteligente e cheio de potencial mas simplesmente não sei o que fazer, por onde começar ou com quem contar. eu sei que o distanciamento da zona de conforto é uma coisa natural, mas não acho que é isso. não vejo ninguém triste ou solitário como eu, not really. pra quem sempre teve tanta urgencia de viver e conhecer é estranho ser tão apático, improdutivo e descartável. tenho medo da morte do jeito que um teria na meia idade, ou até depois. acho que vejo coisas que os outros não enxergam, mas a minha dúvida é bem maior do que essa convicção. eu mais sinto que não sei de nada do que não. a minha prioridade diaria tem sido ficar chapado o máximo de tempo possível. quando ouço elis cantando 'viver é melhor que sonhar' sinto um calafrio na espinha, algo como um medo ou vergonha - eu vivo de sonhar; imaginar como minha vida seria se aquele menino tivesse me amado, se eu tivesse feito mais uma vez o esforço de relevar o que não é certo pra mim em prol dos que amo e que me rodeavam, se ignorasse só mais um pouco o descaso que era tratado por amados indo pela lógica de que they dont really mean it e que no fim do dia o que importa é amar e estar "com aqueles que te amam". se eu tivesse sido menos eu. mas hoje eu questiono se não seria 'mais eu'. acho que não. eu sou isso.

## **Nem Existe Mais**

O mundo cheio, mermão  
A faca e o queijo na mão.  
Um corre e chora daqui  
Outro para e morre dali.  
E a TV? Nem existe mais!  
E aquele cara? Nem existe mais!  
Sua faceta? Nem existe mais!  
E o careta? Nem existe mais!  
E o que existe, então?  
Essa é a grande questão.  
Eles sussurram de lá,  
Tentamos decodificar acá.  
Será que nós existiremos, irmão?  
Peço pra ela ler na minha mão.  
E a aposta? Nem existe mais!  
O bote da cobra? Nem existe mais!  
E a Fabiana? Nem existe mais!  
E a tal cabana? Nem existe mais!  
Bora correndo, piscando  
Na nossa mente, salvando  
Um algoritmo, humano  
Tá só na mente, contando  
Quem foi que disse, assim  
Que sobrevivo, facim  
Sigo sozinho, rimando  
Ninguém me ouve, cantando  
Pro meu caminho, só vou  
Se tu me segues, roubou  
Minha vontade, é sua  
Te vejo ali, na rua  
Rezando baixo, à Deus  
Ninguém te ouve, fodeu.

## **E agora?**

Há dez anos atrás o maconheiro reclamava  
E agora, amigo, risadas risadas  
Sem nem perceber, tá tudo mais merda.  
Você não cheira a nada, só marola na sacada.  
Do que cê reclamava, amigo amigão  
Era do seu umbigo, da legalização.  
Agora bem mais merda, tem nego da favela  
Levando fuzilada, você não cheira a nada  
E agora amigão? Risadas risadas.  
Não sabe protestar, vai lá pro mar surfar  
Esporte de bacana, faz isso e ganha grana.  
Me perde o respeito, fica assim meio sem jeito.  
Mal sabe protestar, vai lá pro mar surfar.  
Faz música de bacana, saudando o seu sol  
Negada da favela só tem o futebol.  
E agora amigão? Risadas, risadas  
Você não cheira a nada, só vê da sua sacada.  
Não sabe do rolê, nem sabe descrever.  
Alienado é nós, que banca o algoz.  
E agora, amigão, vai lá protestar?  
Fica de boa aí, seu mundo vai acabá.

## **Ninguém Sabe**

Minha mãe não viu  
Meu pai não ouviu  
Minha irmã não escutou  
Meu irmão não respeitou.  
Eu gritei de noite,  
O seu nome no açoite.  
Feito porco eu morro,  
Como fênix vivo de novo.  
Vou embora toda noite, te digo bye bye  
Ninguém sabe, amigo, te digo ai ai.  
Eu morro toda noite, te digo bye bye  
Revivo de dia, te digo: hi, hi.  
Minha mãe não viu  
Meu pai não ouviu  
Minha irmã não escutou  
Meu irmão não respeitou.  
Eu te chamo de dia, te reclamo de noite  
Te perturbo no vira, te chateio num coice.  
Pra morrer todo dia tem que ter o pé firme  
Se não tem o que precisa, vai ficar sem o timbre.  
A galera debandeia se o uivo não calar  
Na morte me separo, no escuro vou ficar.

## **Assassinato**

Primeiro com punhal, depois o castiçal  
Sou Coronel Mostarda, e exibio minha farda.  
De noite executaram, de dia o que tramaram.  
Fiz aquele gesto, aquele de protesto.  
Um punho fechado, três dedos alinhados.  
É o código secreto, o gesto de nós loucos  
É o que parece lógico, de nós restaram poucos.  
Primeiro com punhal, depois o castiçal.  
Sou Coronel Mostarda, e exibio minha farda.  
De noite executaram, de dia o que tramaram.  
De nós restaram poucos, loucos, poucos, tortos, poucos, loucos.  
O que já não sabiam, era nosso sagrado conto  
O conto do imortal, o ser nada banal.  
A história dos que ficam, aqueles que se fixam  
Ao que nunca se vai, o espírito que se esvai  
Se esvai em outro corpo, e nunca se impõe  
Se faz em um favor, na alma de quem já foi  
Não é o crime dos que invadem, mas sim a licença dos que entram  
Pois quem invade é negado, o suco do divino que é regado  
O líquido dos justos e valentes, que combatem aqueles que só mentem  
Os injustos que irrompem o espírito doa a quem doer  
Não imaginam que as teias sagradas que os sentem  
Atacam de volta exponencialmente e os fazem perder.  
Primeiro o punhal, não doeu  
Depois o castiçal, não perdeu  
Sou Coronel Mostarda, a impenetrável farda  
De noite executaram, mas falharam  
De dia o que tramaram, mas a si mesmos calaram  
A justiça dos que aqui sempre estiveram será sempre ouvida  
Por aqueles que não se dividem entre morte ou vida.

--

## **Confissões Esquizofrênicas**

Estes são alguns trechos criados durante uma fase de consciência elevada ao longo do ano de 2016. Foi um momento de despertar espiritual em que a única forma de escapar das mensagens que eu estava recebendo era escrevendo pequenos parágrafos sobre as situações que nadavam na minha mente. Era como se eu finalmente tivesse saído de uma prisão intelectual, mas não havia ninguém ao redor que pudesse me entender, exceto o mundo invisível. Diversas situações contextuais foram apresentadas à minha chamada mente “doente”: e se meu melhor amigo fosse estuprado? E se pessoas estivessem conspirando para me matar? E se eu já estivesse morto e em uma espécie de Limbo? E se meus entes queridos fizessem parte de um grupo de conspiração? E se eu estivesse falando diretamente com Deus?

Sim, todas essas situações são comuns ao esquema esquizofrênico de delírios de grandeza e paranoia de uma mente doente, segundo a psiquiatria estabelecida (ou seja, antiga). Mas o que chamávamos de histeria há um século, por exemplo, é o que chamamos de orgasmo hoje. A sincronicidade não acontece apenas com aqueles que têm um diagnóstico de doença mental — ela está acontecendo ao redor do mundo com várias pessoas, milhares (talvez milhões) de pessoas. A busca pela medicina oriental e por práticas alternativas está em ascensão, e a filosofia do pensamento está se expandindo; a conquista espiritual está se tornando uma prioridade para a raça humana, que finalmente começa a questionar a simplicidade dos ideais ocidentais de espiritualidade e dos dogmas religiosos. Espero que quem leia estes trechos, assim como quem leu a poesia que apresentei aqui, encontre algum sentido de existência ou de enfrentamento, ou alguma ideia reconfortante através das palavras que escolhi com amor e cuidado para me comunicar. Estas não são mensagens de uma mente “doente”, como alguns dizem, mas de alguém que viu coisas na vida e as considerou importantes demais para não serem compartilhadas. Espero que seja reconfortante e faça sentido para você em uma perspectiva pessoal. Após essa exposição, a pergunta fica pra você: você levaria esses textos mais ou menos seriamente se soubesse que foram durante o que é considerado um surto/estado alterado de consciência? Fico curioso.

---

## **Origens**

### **BOA ESPERANÇA – Ode a Maria**

Mais um tijolo cai enquanto a cidade encara a manhã. Um homem, inquieto e cansado, trabalha em algum novo projeto de casa. A dona da casa observa seus filhos enquanto conversa com sua fiel companheira: a empregada. Ambas falam sobre o jantar do dia anterior, uma piscina quadrada com água esverdeada entre elas. A manhã está fria e carros passam, enchendo a cidade de movimento.

A empregada, quase terminando a louça, pensa em seu amado enquanto os cachorros circulam ao seu redor. Eles latem sem parar pedindo atenção, mas ela não lhes dá importância; pensamentos sobre seu homem ainda permanecem em sua mente, fruto de uma briga que tiveram dias atrás. Ela se importa com ele, mas acha que ele a subestima demais — diz que ele não aprecia sua inteligência e sagacidade, que é cego de ciúmes. Ela está certa. Embora nunca tenha realmente o traído — exceto por alguns flertes inocentes com homens aleatórios — ele

não acredita nela e continua discutindo sobre, bem, nada. Ele é religioso demais para entender como uma mulher pensa e como ela pode se impor não apenas ao seu homem, mas também à sociedade. O preconceito fala alto na mente dele. Ela começa a considerar deixá-lo e encontrar alguém que realmente a valorize como ela é. Como deixar o passado para trás sem ferir um coração já tão destruído? Será que vale mesmo a pena estar sozinha em um momento tão difícil da vida? Ela vai enlouquecer se, além de suas dificuldades diárias sendo explorada por quase todos com quem lida, seu homem se recusar a ficar ao seu lado. Um tolo. Ela conhece os segredos dele, mas ele NÃO faz ideia do que se passa na mente dela — a comunicação é escassa na relação, e ela começa a se arrepender de ter escolhido ficar com ele. Quanto mais teria que fazer para provar que merece amor? Trabalhar todos os dias, lidar com todo tipo de pessoa por um salário mínimo e ainda ter que voltar para casa, cozinhar para ele e nem receber um beijo de boa noite antes de dormir já não era mais algo atraente. Ela queria mais — da vida, do amor, de tudo — e ele não parecia pronto para lhe dar isso — ele tinha medo do amor. Medo de não ser suficiente. Ela estava pronta para decidir: chega das suas bobagens. Sabia o que era melhor para si, e seu coração estava decidido — buscaria o melhor para ela. Sua intuição era muito mais forte do que os problemas que ele lhe repetia todos os dias — “foda-se ele”, pensou. Não aceitaria mais ser subestimada — sua vida era dela. Ela largaria o emprego e buscaria águas mais tranquilas para navegar, com ou sem ele. O tempo era precioso demais para ser gasto tentando convencê-lo a ir com ela. Depois de entregar à dona da casa seu suco de ervas diário — algo do qual ela simplesmente não conseguia viver sem — entregou sua demissão. A dona da casa não ficou surpresa, pois considerava o trabalho recente da empregada “desleixado” — e de fato era, de propósito, pois a empregada carregava raiva e amor por aquela mulher. Era uma relação de tipo síndrome de Estocolmo. A dona fumou um cigarro e a olhou com pena — verdadeira pena, pois não era uma pessoa ruim; também havia lidado com muita coisa na vida — problemas com a mãe, claro — e, no calor do momento, a empregada foi para casa encontrar seu homem esperando o jantar. “O quê, você não consegue cozinhar arroz e feijão, porra?” “Eu te tenho pra isso”, foi a resposta dele. Chega. Naquela noite, no baile da cidade, ela encontraria seu antigo amante — um homem mais velho que precisava de remédios para “fechar o negócio” (mas que certamente já estava fechado naquela noite — um canalha! Graças a Deus por isso). Agora ficou estabelecido que ela é uma canalha. Eu amo canalhas — canalhas enchem minha vida de cor, risos e vida. Viva as canalhas! Uma canalha sabe mais, então ela sabia mais agora. O homem tolo ficou em casa comendo feijão, enquanto ela saía pela cidade se “canalhando” como bem entendia. “Vadia!” gritavam os ignorantes após essa transformação — ela não se importava. Na segunda foi o jornaleiro; na terça o divorciado do mercado; na quarta o vizinho negro e magro; na quinta ela fez uma pausa — teve que cozinhar feijão de novo; na sexta o ajudante adolescente da loja de doces; e no fim de semana foi ao baile novamente, sozinha, e se envolveu ainda mais. Como ela estava feliz agora. “Eu sou uma vadia”, ela chorava para si mesma (não um choro triste). “Se eu sou uma vadia, preciso me juntar a vadias”, e assim fez. As vadias tomaram a cidade com seus gemidos e sua umidade — a umidade do prazer que tantos homens desejavam, ela tinha. Umidade ela caminhava pela cidade. Queria um bebê, mas isso não parecia uma possibilidade real — então continuou nessa vida. Algum desses homens realizaria o desejo do seu coração? Não, pois a criança que ela carregaria nasceria morta. Ela não era feita para ser mãe, mas ninguém lhe disse isso, então ela “maternava” todos os homens da cidade até a umidade desaparecer. Quer saber um segredo? Ela também se envolvia com mulheres. Seu corpo grande, gordo e feio — para alguns — agora era conhecido por toda a cidade. A dona da casa ouviu os rumores e concordou com a garota — todas somos

vadias, mulheres! Vamos nos orgulhar disso, pois os homens já foram vadios por tempo demais. A festa também tinha que chegar até nós, certo? As orgias, o ácido e o gosto amargo de buceta e porra. Porra, porra, porra! Delicioso ser uma vadia sem vergonha. O tolo com sua comida diária — seu pênis estava desatento, o que também contribuiu para o festival das vadias. Ao menos os homens velhos sabiam melhor e tinham seus remédios, então estava tudo bem. Bem e vadia. Vadia, vadia, vadia pela cidade, pela cidade, meninas meninas meninas x meninas e meninos e meninas. A cidade era livre e Sodoma e Gomorra finalmente haviam chegado. Obrigado, anjo satânico! Sabe o que aconteceu? Ela contraiu hepatite C e espalhou pela cidade, coceiras por todo lado e pressão baixa. Mas não importava, pois todos tinham gozado e estavam felizes por serem vadios! Ela nunca mais morreria, pois deu a todos o que queriam — úmido úmido úmido — e não importava quantas vezes seu coração tentasse parar de bater para assustá-la, ela continuaria sua missão de entregar a mensagem vadia — que se espalharia pelo mundo tão rápido quanto ela transando com o menino vizinho.

## **FAMÍLIA – (para a garota)**

Quando tudo acontece, você meio que sente vontade de desistir: você não pode. Você tem que focar nos sons bonitos ao seu redor, na família que está sempre lá para te proteger, não importa o quê. Família é tudo e, uma vez que você percebe isso, consegue sentir liberdade para contemplar tudo o que precisa para funcionar: a energia de todos de uma cidade, da sanidade e da união. A união fala alto e, quando você não consegue descobrir o que fazer, você tem que ir até aquele lugar especial dentro do seu coração e se expor ali, de forma honesta. A honestidade vem em todas as formas, idades e origens: todos são todos, e se você consegue sentir isso no ar, você consegue sentir tudo (até a morte, embora ela não seja real). O que é real é quando você admite estar errado sobre algo, ou alguém, algumas pessoas, e consegue dizer: desculpa! Eu realmente sinto muito, não sei o que estou fazendo na maior parte do tempo, eu era o único com preconceito no coração, não você.

(Eu não sei o que estou escrevendo, só parece a coisa inteligente a fazer dadas as circunstâncias insanas em que você me colocou. Eu não me conheço, então como poderia conhecer os outros? Eu não poderia! Eu juro! Só venha até mim, minha garota, e vamos conversar sobre o que você quiser, eu prometo! Eu não vou latir, nem sei como fazer isso, o que eu sei é que... eu não sei de nada! Isso é tudo o que eu sei: nada. E se você duvida de mim, me deixe ir e eu vou provar isso para você).

Eu não quero promessas, tudo o que quero são fatos suculentos, gestos, amor e família. Não se preocupe com o que pode ou não ser conhecido, apenas com o que é — e o que é é nada, mais uma vez. Vou continuar dizendo isso, nada mudou minha mente para sempre e agora não sei o que fazer com isso. Você me mudou de um jeito que não consigo descrever, e agora estamos seguros! Tão seguros quanto possível, tão seguros quanto a música nos permite ser, essa música desejada do nada e de tudo. Mas eles são um nada e tudo lindos, não são? Uma bagunça, um vício, mas misturados e juntos, de forma que o sol — ou a lua — nunca possam invadi-los. Soltar a pressão é difícil, mas faz sentido. O tempo não muda nada e o amor muda tudo: o tudo dos seus braços, da sua barriga e da sua voz. Uma voz maravilhosa que sussurra a verdade: “é nada de novo, querido! Fique tranquilo porque caminhamos juntos — e para sempre”. Ah, como tudo ficou aliviado quando ouviu isso. “Isso quer dizer que vencemos?” ele pergunta. “Ah sim, filho do sol, quer dizer que vencemos. Agora se aquiete e apague as velas,

porque eles não terão as nossas. Está ouvindo? Nenhuma.” “Ok”, ele sussurrou de volta, “...vou confiar em você agora que você confia em mim, e com essa confiança vem o peso da família. Vamos aproveitar um segundo agora. Pronto, acabou. Sim! Acabou. Continue acendendo e eu vou aproveitar.”

Depois da entrega, você agora pode simplesmente ser, e ficar, e mudar, e fazer o que quiser, com quem quiser. A escuridão se foi, para sempre. Vou tentar voltar sempre, mas comparado à chuva, isso não é nada. É apenas garoa. E garoa é absolutamente nada neste planeta que chamamos de lar. Dizem que aqueles que tentam nunca conseguem o que é seu. Uma mentira. Aqueles que vêm sempre vêm, e aqueles que não vêm... bem, azar o deles. Eles virão depois.

---

## **Para o Primeiro**

A música preenchia o ar com tristeza e saudade, enquanto o garoto estava estendido na cama de solteiro, olhando para cima com os olhos vermelhos. Ele dá uma tragada no baseado que segurava na mão direita, sugando uma grande bola branca de fumaça que parecia querer escapar; ele não permitiria. A voz de Dinah agora gritava algo sobre lábios com gosto de lágrimas e ele fechou os olhos, se perdendo nessa memória única e agri-doce de alguns anos atrás.

Ele pensou no primeiro garoto que ele havia beijado; bem diferente de suas experiências mais recentes, aquele era especial. Ele era de outra escola, mas do mesmo bairro; era uma escola particular, mas não tão elitista quanto ele sabia. Seu nome era B., um fã andrógino de tropicalismo, um poeta com uma mancha de vitiligo no canto da sobrancelha esquerda. Tão encantador, “até kitsch”, ele havia comentado uma vez, sorrindo para o outro. Gabi de repente se levantou, seus cachos loiros balançando em sua testa incomumente grande numa explosão de drama involuntário, e fez a expressão mais epifânica que conseguiu. Veja, os jovens pássaros muitas vezes fantasiavam projetos futuros juntos, como acontece em muitos dos casos (não registrados) da tentativa frustrante de juntar dois artistas, presos em um acordo pós-boquete: Gabi escreveria um filme e o outro faria a arte. Isso não aconteceu e o garoto se sentia triste, especialmente agora. Mas agora ele sabia exatamente o que precisava fazer; apagou o baseado e pegou seu caderno, abrindo um documento em branco no Word. Ele ia escrever aquele filme para B. antes dele partir. Bem, não um filme inteiro, mas talvez algo que trouxesse o poeta de volta ao momento em que ele estava agora: menos sua existência específica, claro. Estava decidido. Ele faria isso. Pelo menos isso. Uma homenagem nostálgica, uma lembrança de amante que caberia até melhor em um cenário pós-morte.

---

## **MEDS**

A empatia também me tira todos os centavos, Ginsberg. Os deles também. Eu acho. Espero. Talvez seja o alprazolam. lamlamlamblamblame; luxúria deve ser obedecida, é o que dizem. não, eles gritam. foda-se a luxúria, me dá calor, companhia. uma palavra tão subestimada hoje em dia. não uma palavra, um ato. um ato enorme. o que está acontecendo?

---

## BARKS

latidos e gritos de negativas, batidas, uma cadeira de rodas passa em busca de um milagre que não virá: é mentira, milagres estão dentro e não fora. fora restam os sinos de uma igreja suja que guarda tantos segredos que está prestes a explodir. a escola, azul e agora verde, guarda fatos tão importantes quanto ouro sólido: o tipo falso. falando em falso, quem garante que você não é? você parece inquieto, eu estou inquieto e eles continuam latindo e latindo. tudo mentira. fique tranquilo, você não é um cachorro, nem sequer um “dawg”, você é apenas você. você e ele, e a garota, e a empregada, e o vermelho e o preto juntos. ele está trabalhando e pensa em mim, eu penso em dirigir e em como sempre tive medo disso desde criança; os carros que sempre preencheram avenidas e ruas pareciam ameaçadores, máquinas obscurecendo a verdadeira beleza da cidade, poluindo o ar de quem busca limpeza. respira fundo, expira. pronto, você está limpo. de nada, mais uma vez. alguns cães simplesmente não gostam de você.

---

## GAMING

A dor é uma ilusão para os pensamentos fracos. A empatia não considera o peso do relógio na minha mão direita. O urso (ou seria uma leoa?) afunda meus dedos e ainda assim eu me recuso a parar: eles vêm e vão em uma névoa de segundos e buzina suas vozes até a noite chegar. A noite é uma segurança perigosa e não salva os que precisam, apenas os escolhidos para sobreviver nela. Que pena, pois todos deveriam poder aproveitar a noite. Eles cantaram que a noite estava chegando e, com sua escuridão, vem o inverno, que eu gosto. Gosto da forma como posso me cobrir com tecido e fingir que sou mais bonito que eles: o que é beleza? outra ilusão. sou mais bonito? não realmente, e eles também não. somos todos um, e isso é cafona e já dito antes na música e na atuação, mas ainda assim. o que isso significa? um que julga, um que não faz nada, um que reclama do peso dessas joias falsas. o W é falso e sempre foi, e agora se arrepende. ou não? talvez ache divertido, como brinquedos infantis com bateria eterna. máquinas, cães, bateria, joias. foda-se tudo, foda-se você e foda-se eu: eu não gosto desse jogo.

---

## OS CANTOS

ele estava sozinho e cheio de raiva, pensava sobre política de forma superficial e vazia: não sabia nada sobre isso. via casais felizes, meninos com meninas, meninas com meninas, meninas com meninos com meninas, e ressentia isso. era desagradável e infeliz. só queria dinheiro e blow blow blow. eu também não me importaria com um pouco de blow, mas não no sentido explícito, físico (drogas!). embora ambos os sentidos sejam físicos, não são? a herança da mente é a pior — e a melhor. cheiro de comida no ar e ele está no canto, ainda no canto, ainda infeliz, ainda ressentido. cresça, querido, os cantos vão melhorar, eu prometo. desculpa, menti: não posso prometer isso. o que posso prometer é que os meninos e meninas e meninas com meninas continuarão passando por esses cantos e você não pode fazer nada então... apenas sinta o cheiro da comida no ar e talvez você melhore. talvez não. talvez você seja puro mal, pura mágoa (sim, gosto de repetir léxico — uma palavra que aprendi com outro humano

superficial, embora talvez eu seja o superficial). não quis dizer que você é mau, me desculpo. você é apenas uma voz, e eu também sou(?).

---

## **ALMA IRMÃ**

ela trabalha duro e duro e duro. acha que é subestimada, mas não é; ela é minha, essa aqui. só minha. nenhum marginal de esquina, nenhum apresentador mentiroso de TV, nenhum comediante pretensioso pode tê-la, porque ela é minha. o nome dela é de princesa, e sempre será. ela traz felicidade junto com necessidade, mas tudo bem. ela é só uma garota. mentira, uma mulher. ela mente e eles assistem, achando que ninguém sabe — mas eu sei, meu coronel, eu sei. onde você está agora? pensando em mais uma das suas jogadas sujas? talvez. você é nojento, e ela é minha. ela ainda tem medo do escuro e talvez isso nunca passe — quem a conquistar vai ter que descobrir como tirar isso dela — e por “quem” quero dizer um digno, que a trate como seu nome exige. eles sabem disso, esses nojentos, mas talvez alguns sejam bons. mas atenção: mesmo que você conquiste o afeto dela, ela ainda será minha. até meu último suspiro — que não existe — ela será minha. r-e-s-p-e-i-t-o como a rainha já cantou. ela sempre será minha e eu preciso dela.

---

## **SUSSURROS**

sussurros vêm a mim na forma de fantasmagoria: eles gritam o que é certo, o que fazer e quem é família. me diga, sussurros, que tipo de família vocês são? dizem que me amam, mas me trataram como lixo, como lixo mesmo. queriam que eu sentisse vergonha, que mudasse, “para o meu próprio bem”, sussurram. quando todas essas mentiras vão acabar, sussurros? somos realmente família ou vocês estão me enganando de novo? quem é seu pai? eu sei quem é o meu — e ele é o verdadeiro. me dê uma música, palavras e instruções e depois o quê? nada! “seja menos ansioso” “emagreça” “ande pela praça”. sabe de uma coisa, sussurros? vão se foder, porque eu estou me divertindo não fazendo nada e apenas sendo. estou me divertindo com meu pai — quem é o seu, mesmo? acho que sei, mas não vou dizer — essas coisas não se dizem, certo? quem diz então? ela diz? ou ele? ela e ele. canta, louise! canta, sussurros! canta canta canta até não sobrar voz nenhuma — grita para que ninguém ouça. pf, isso é só comédia (não tragédia, viu?). de novo esses jogos. é só uma história, é só uma história, é só uma história.

## **FLYING**

quem está aí, voando? é o inimigo? provavelmente. um rato. eu odeio ratos. não odeio animais, mas odeio ratos. ele representa a república do mal, os portadores do dinheiro, os mentirosos e ladrões: vermelho, e branco, e vermelho de novo. maldito rato. eu te odeio, rato. e eu amo camundongos. e homens. (não é só uma peça?). sim, estamos juntos nisso, mas você me odeia só por eu gostar de bagunças — eu sou uma bagunça, e eu trago bagunças, e daí? você é o rato aqui. maldito rato. criaturinha curiosa.

sim, estou falando do seu instrumento de “trabalho” — ele é pequeno, rato. eu sei disso só de olhar pra você, e se você tivesse confiança isso não te incomodaria, mas incomoda, né?

porque é pequeno. não deveria incomodar, não importa durante o ato — sim, esse ato de luxúria. se você soubesse o que fazer deveria estar gritando “SIM, É PEQUENO MAS FUNCIONA E EU FAÇO FUNCIONAR, SEUS FILHOS DA PUTA”.

não sei se você faz isso, e não estou te zoando — talvez eu esteja, mas só porque você me zoou. seu rato. “eles transam como garotos”. nenhum amor, nenhum amor mesmo. só ambição e ganância. tão feio.

agora minhas costas doem — não é câncer como você tentou me fazer acreditar (câncer não dói) — é só minha coluna. uma coluna normal, boa demais até para o meu próprio bem, mas tudo bem, porque o rato aqui é você.

eu sou união, amor e respeito. sim, eu respeito você, mas porque sou daqueles que respeitam até a menor fração da chuva e do vento e do que há de bom nas pessoas. mas você é bom? mesmo sendo um rato? não sei.

graças a Deus os santos te mantêm na coleira, senão seria um caos. você faz guerra, eu faço isso. esse é o acordo. adeus, rato.

---

## WHERE NOW?

aqui estou! de novo com a música da minha terra enchendo o ambiente, patrulhando com meus companheiros e, especialmente, minhas mulheres.

me pergunto: onde vocês estão, minhas meninas? estão na tristeza ou na alegria? espero que seja a segunda. estamos longe — mas não tanto, né? espero que não.

imagens tomam minha cabeça e vejo a mais sábia sorrindo do pequeno humor da vida, e então a voz do garoto ressoa falando de golpes da vida — um pensamento passageiro, pois ele agora é uma memória passageira.

que golpe! penso na mais jovem — qual é a história aí, amor? você realmente foi machucada por um monstro? ou era só um palpite escurecido meu? espero que seja a segunda.

---

## WINTER

tudo começou com um sonho sobre o japonês: sobre amá-lo. foi um dia depois do meu aniversário que nos encontramos e suas maneiras doces surpreenderam minha alma.

lembro do bar em que sentamos com seus amigos da internet — um grupo de garotas falando de fóruns de vampiros — e da cerveja que bebemos.

eu tinha acabado de fazer 18 anos e tinha muito medo de contato físico — envergonhado, admito. só nos beijamos e logo viramos passado — tudo por causa do meu medo de amar.

sim, sonhei com você, coisinha fofa, e me pergunto onde você está agora. penso em você, sua irmã, sua família rígida — você está trabalhando? acho que sim.

penso em como seria fácil se a gente se encontrasse de novo, suas risadas por qualquer coisa... deus, eu sinto sua falta.

você sabia que seu pai me influenciou, mesmo tendo trocado só umas 10 palavras comigo? a maioria cumprimentos.

era um comentário da sua irmã — minha amiga perdida — sobre como ele acordava à noite e fumava um cigarro.

um cigarro! que coisa amaldiçoada e ao mesmo tempo uma bênção.

lembra daquele monólogo do filme? louco, lindo.

estou tentando cortar isso, e está funcionando — comprei o tipo azul, acredita? lembro do seu sendo vermelho. ainda é?

você parece tão fofa na minha mente. queria que a gente pudesse conversar, mas acho que você me esqueceu.

foi amizade? claro que foi. amizade amorosa, mais amigos que amantes — nunca amantes, lembra do medo?

você me chamou pra ver “Glee” e eu fiquei com medo.

um tolo eu fui, talvez aquela tenha sido minha chance real... ou talvez você também estivesse mentindo.

espero que não, porque vou guardar nossa memória de amor jovem e inocente pra sempre.

você não mentiu, nós não mentimos.

agora o inverno chegou e imagino você nas ruas, bem vestida como sempre, pensando nas mesmas referências que eu.

ah, inverno... o ar frio que machuca tantos e me faz sentir culpa por gostar dele.

juro, meu cabelo melhora, minha pele fica mais lisa e meu espírito mais alto.

é o sangue gaúcho.

imagino que você goste também — essa elegância.

enfim, estou divagando de novo sobre o passado.

você vive sua vida e eu a minha.

adeus, japonês. te vejo quando te ver. se não neste inverno, talvez no próximo.

---

## WRITINGS ON THE WALL

eles falam comigo, essas imagens coloridas de sangue derramado e esperança elevada.

me pressionam a fazer o que devo fazer, e me pergunto se consigo — sei que consigo, só não sei os passos ainda.

me dão informações do dia que virá, ou será que sou só louco?

claro que sou. GRAÇAS A DEUS.

seja louco também, mas do tipo bom, o tipo sonhador.

sonhar é bom, não é? e depois acordamos, atordoados tentando lembrar tudo.

qual a diferença entre sonhos que lembramos e os que não lembramos? existe diferença ou é aleatório?

alguém disse: durma com um caderno ao lado e anote seus sonhos porque eles têm significado.

acho que isso é verdade.

a mulher negra com a mão esquerda brilhando na parede, e os pequenos monstros de boca aberta querendo ser alimentados — mas principalmente pedindo amor, amor, amor.

paz, claro, mas amor, amor, amor.

quem você ama, pintor anônimo? você me ama ou foi só uma escrita na parede?

eu te amo, de qualquer forma.

enquanto passava por todos eles, as vozes do passado sussurravam contra mim, tentando me convencer a ser o que não sou.

ignorei.

---

## **THEY TRIED TO KILL ME**

tentaram me matar ontem à noite. não foi sonho nem palpite ruim — foi real.

eles tinham ordens e papéis para entregar — papéis dizendo para me matar.

o encarregado da missão era alguém que eu considerava amigo — um amigo gordo e louco, cheio de segredos — e ele ia fazer isso.

olhei para o rosto dele tentando entender se ele ia ou não.

ele não fez. mas poderia ter feito.

dei apenas amor a ele, e por causa de fofocas ele ia me matar.

filho da puta!

ele queria cocaína, deram cocaína pra ele, mas cocaína não traz felicidade.

ele ia me matar.

estava escuro, o carro parado, esperando os amigos dele — que provavelmente também faziam parte disso.

ele ia me matar, mas desistiu.

lembrou das nossas conversas, de como eu o ouvi e ajudei.

mudei a decisão dele só com um olhar triste.

um olhar que dizia: eu sei tudo, e você tem que decidir agora — bom ou mau.

ele escolheu o bem.

---

## **WHAT ABOUT YOU?**

e você? o que está fazendo agora?  
esperando seu turno acabar, não é?  
você pinta o céu — que profissão bonita.  
o que você faz? essa é a pergunta que me persegue.  
quem você ama? com quem você ama?  
você está transando no banheiro?  
tantos estão.  
fetiche, fetiche — que coisa.  
acho que esqueci o meu.  
sou meio assexual, dizem.  
sei que funciona, só não quero sentir.  
por quê? por causa do que vocês fizeram.  
às vezes penso se vocês me quebraram ou me elevaram.  
acho que os dois.  
você está transando?  
eu não, mas estou bem.  
tenho isso. e tenho eles. e eles me têm.  
isso já é mais do que a maioria tem.  
minha terra fala comigo de novo.  
ok, eu vivo por você.  
mas é difícil.  
será que os próximos anos vão trazer paz?  
talvez.  
mas o caminho é solitário.  
talvez eu devesse pegar carona rumo ao nada.  
de novo o nada bonito.  
sou repetitivo.  
minhas costas doem, mas é só postura.  
onde está minha família? quem é minha família? todos?  
por que eu tenho que estar sozinho?  
bastardos, me deixando de fora.  
o que você sabe?  
acho que sei demais.  
estou descansando demais.

ou talvez seja um plano.

de quem?

do meu?

eu não sei.

--

Ah, e obrigado pelos peixes.

Gabriel Gubert

2026

São Paulo